



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Carolina Alexandra Monteiro Ramos

O lúdico como forma de potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Ana Rita Bernardo Leitão

Almada, 2021



Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget

Carolina Alexandra Monteiro Ramos

O lúdico como forma de potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Ana Rita Bernardo Leitão

Almada, 2021

"Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objecto singular, um amigo, é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda."

Antoine de Saint-Exupery

Agradecimentos

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam pouco de si, levam um pouco de nós. (Antoine de Saint-Exupéry)

No momento em que se escrevem os agradecimentos, lembramo-nos de todos os que fizeram parte deste percurso e, que de alguma forma, partilharam angústias, medos, conquistas, alegrias e sucessos.

Tive a honra e o privilégio de ser orientada pela Professora Ana Rita Leitão com quem pude refletir e aprender. Agradeço a sua disponibilidade, ajuda, conselhos e apoio.

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração, conhecimento e disponibilidade de todos os professores da ESE Jean Piaget, que ao longo destes últimos cinco anos de curso estiveram sempre presentes, a todos, o meu agradecimento.

Um grande obrigada à minha irmã, pela sua compreensão, por acreditar sempre em mim, pelas trocas e pelo apoio. Obrigada por estares sempre comigo, pelo teu abraço nos momentos de maior aflição e, por todas as palavras de ânimo.

Aos meus pais que sempre me apoiaram nos momentos mais difíceis. Por todos os ensinamentos que me transmitiram e por todos os incentivos que me deram para conquistar com êxito os meus objetivos, na minha vida pessoal. A eles devo-lhes o que sou hoje e agradeço-lhes todas as horas que abdicaram da minha companhia para eu me poder dedicar a este trabalho. Também lhes devo algumas das minhas características pessoais, como força de vontade, coragem e persistência.

Agradeço à minha mãe, por me acompanhar a cada passo nesta caminhada, por me inspirar em termos vocacionais e de dedicação à infância, incentivar em todos os momentos e me ajudar a concluir mais um objetivo de vida.

Às minhas amigas Maria e Catarina, que foram dois pilares fundamentais ao longo desta caminhada, que me incentivaram e ajudaram a concretizar um sonho. Pelo apoio incondicional, pela amizade e paciência que demonstraram ter em todo este processo, e na ajuda da superação dos obstáculos que foram surgindo.

Às minhas amigas e colegas de curso da Escola Superior de Educação, que me socorreram sempre que precisei, que foram um grande pilar nestes últimos cinco anos, e que continuarão a ser no futuro, um muito obrigada por todos os ensinamentos,

partilhas, lágrimas e colo que me deram. À Beatriz, Ana, Benvinda, Joana, Isabel e Helena, um abraço bem apertadinho.

À memória da minha avó e do meu avô, que sempre sonharam que os netos voassem mais alto. Este trabalho é dedicado a vocês, do fundo do coração.

Resumo

A aprendizagem através do lúdico tem vindo a ganhar um papel cada vez mais relevante na área da educação. O recurso ao jogo, como estratégia de promover uma aprendizagem significativa, tem-se revelado um ótimo instrumento pedagógico e de motivação para as crianças. Por outro, o lúdico é inerente à criança, tão necessário à sua existência como respirar, alimentar-me ou dormir.

Neste sentido, e direcionado para o ensino do Pré-Escolar, o presente estudo visa identificar e refletir de que forma o lúdico pode potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar, partindo das seguintes questões: se o educador prioriza o desenvolvimento de jogos educacionais e atividades lúdicas em determinadas áreas de conteúdo/ em domínios específicos; no plano da criação dos recursos, se o educador cria de raiz, se implementa materiais pré-existent e/ou se os adapta; se o educador observa padrões de progresso da criança quando esta é motivada pelo lúdico e pelas brincadeiras.

Este estudo enquadra-se numa abordagem mista na qual serão empregues técnicas e instrumentos de recolha de dados com base em entrevistas e questionários.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa, Educação Pré-Escolar, Jogo, Lúdico

Abstract

Learning through play has been gaining an increasingly important role in education. The use of play, as a strategy to promote meaningful learning, has proven to be an excellent pedagogical and motivational tool for children. On the other hand, play is inherent to children, as necessary to their existence as breathing, feeding, or sleeping.

In this sense, and directed to Pre-School education, this study aims to identify and reflect on how play can enhance child development and learning acquisition in Pre-School Education, based on the following questions: whether the educator prioritizes the development of educational games and playful activities in certain content areas/specific domains; in terms of the creation of resources, whether the educator creates from scratch, implements pre-existing materials and/or adapts them; whether the educator observes patterns of child progress when the child is motivated by play and games.

This study is framed within a mixed approach in which data collection techniques and instruments based on interviews and questionnaires will be employed.

Translated with www.DeepL.com/Translator (free version)

Keywords: Meaningful learning, Pre-school education, Game, Play

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice de figuras.....	ix
Índice de abreviaturas	x
Introdução	1
1. Parte I - Prática Profissional em Contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo	4
1.1. Contextualização da Prática Profissional.....	4
1.2. Caracterização do meio envolvente	5
1.3. Caracterização da entidade cooperante	7
1.3.1. Educação Pré-escolar	7
1.3.1.1. Caracterização do grupo de crianças do pré-escolar	7
1.3.1.2. Organização do espaço	9
1.3.1.3. Organização do tempo	10
1.3.1.4. Projeto de Intervenção em contexto de Pré-Escolar	11
1.3.2. Ensino do 1.º ciclo.....	12
1.3.2.1. Caracterização da turma do 1.º ciclo	12
1.3.2.2. Organização do espaço	13
1.3.2.3. Organização do tempo	14
1.3.2.4. Projeto de intervenção em contexto de 1º Ciclo	14
1.4. Desenvolvimento da Prática de Ensino	17
1.5. Problematização da questão de partida	18
2. Parte II – Revisão da literatura	19
2.1. Ludicidade e desenvolvimento da criança	19
2.2. A aprendizagem através do lúdico.....	20
2.3. O papel do brincar nas crianças.....	22

2.4.	O papel do jogo nas crianças	28
3.	Parte III – Enquadramento Metodológico	31
3.1.	Objeto de estudo	31
3.2.	Métodos e procedimentos	31
3.2.1.	Metodologia	31
3.3.	Técnicas e instrumentos de recolha de dados	32
3.4.	Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	34
3.4.1.	Apresentação e discussão dos resultados dos questionários aplicados aos educadores de infância.....	35
3.4.2.	Apresentação e discussão dos resultados das entrevistas aplicadas aos educadores de infância.....	44
	Considerações Finais	52
	Referências Bibliográficas	55
	Apêndices.....	61
	Apêndice A – Entrevista	61
	Apêndice B - Questionário	64
	Apêndice C – Análise do conteúdo da entrevista	66

Índice de figuras

Figura 1- O recurso a jogos e brincadeiras facilitam a compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem	37
Figura 2- O lúdico é uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância?	37
Figura 3- As atividades realizadas através de jogos e brincadeiras são mais apelativas para as crianças.....	37
Figura 4- Por vezes, existem dificuldades por parte dos educadores em aplicar o lúdico na realização das atividades, por o mesmo não ser prática corrente no dia-a-dia.	38
Figura 5- Com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	38
Figura 6- Costuma utilizar como recurso de aprendizagem o jogo?	39
Figura 7- Enquanto educador/a de infância, que importância atribui ao desenvolvimento da imitação, da representação e da simulação no decorrer da sua prática?	39
Figura 8- Costuma desenvolver dinâmicas de jogos em grupos e ou individuais?	39
Figura 9- É dado espaço e oportunidade para as crianças criarem os seus jogos?	40
Figura 10- Tendo em conta a sua experiência, qual o interesse das crianças quando o jogo e o brincar é utilizado como estratégias nas atividades?	40
Figura 11- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas OCEPE, assinale segundo a escala estabelecida aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia.....	41
Figura 12- No decorrer das atividades, as crianças respeitam as regras/indicações associadas?.....	41
Figura 13- Que tipo de comportamento observa nas crianças quando estas estão envolvidas numa situação de jogo?	42
Figura 14- Considera que o educador ao planificar as atividades faz um uso consciente e aposta no jogo e no brincar com o objetivo de desenvolver diferentes áreas, nomeadamente a coordenação motora, desenvolvimento social ou interpessoal, emocional, cognitivo.	42
Figura 15- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas OCEPE, assinale segundo a escala estabelecida, aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia.....	43

Índice de abreviaturas

AAAF – Atividades de Animação e Apoio à Família

ATL – Atividades de Tempos Livres

CAF – Componente de Apoio à Família

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PAA – Plano Anual de Atividades

PCA – Projeto Curricular do Agrupamento

PE – Projeto Educativo

PES I – Prática de Ensino Supervisionado em contexto de Jardim-de-Infância

PES II – Prática de Ensino Supervisionado em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico

UL – Universidade de Lisboa

Introdução

Considero fulcral começar este final de percurso académico com uma reflexão crítica com o início da minha história de vida, visto ter sido ela a influenciadora das minhas decisões e que me permitiu chegar a esta componente académica com a qual tanto sonhei.

Acredito que o meu caminho esteve desde cedo traçado para o mundo da educação. Ainda dentro do ventre da minha mãe já conhecia os sons de um Jardim de Infância, a alegria contagiante das crianças, o choro de descontentamento, sentia também a felicidade das crianças, quando se colocavam junto da barriga para me tentarem sentir, através de um simples “pontapé”.

A minha infância foi passada naquele Jardim de Infância, onde a minha mãe ainda hoje trabalha. Cresci com todo aquele carinho e paixão e com a certeza de que um dia também eu seria como a minha mãe. Quando entrei para o 1º ciclo, continuei a frequentar a instituição, mas num espaço diferente, o ATL, onde conheci pessoas que me moldaram e me fizeram apaixonar ainda mais por esta área que é a educação.

Enquanto futura educadora e professora do 1º Ciclo do Ensino Básico e seguindo o pensamento de “Os bons professores são mestres temporários, os professores fascinantes são mestres inesquecíveis” (Cury, 2004 pp.48-49.) Ou seja, para Cury, os professores têm um papel fundamental no que concerne à promoção do conhecimento, pois contribuem para um bom progresso do saber, de sentimento, do prazer pela aprendizagem, da tranquilidade, da capacidade de falar ao coração e influenciar pessoas.

Tendo como base a Lei-Quadro (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), a Educação Pré-Escolar é “a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida” e caracteriza-se como um dos momentos mais significativos na educação da criança. É neste período, que a criança questiona o adulto e se interessa por novos assuntos e aprofundar outros já conhecidos.

Refletindo sobre a gradual complexidade da sociedade em que vivemos, a qual está, de grosso modo, relacionada com a evolução da comunicação social e do acesso facilitado às novas tecnologias de informação, tem o professor um papel fundamental no que concerne à promoção de estratégias para a motivação para a aprendizagem.

O papel do educador e do professor, tem vindo a sofrer alterações ao longo dos anos. Antigamente o professor tinha como função a transmissão de informação, ficando a criança com o papel de recetor. Nos dias de hoje o educador e professor tem o papel de captar e manter a atenção das crianças, através de estratégias que tornem o ensino mais prazeroso e significativo.

Carlos Neto, Professor Catedrático da Faculdade de Motricidade Humana (FMH) da Universidade de Lisboa (UL), é um dos maiores especialistas mundiais na área do brincar, do jogo e da importância que ambos têm para as crianças. O autor, afirma que “Há que voltar a criar o tempo e o espaço para se brincar na rua, no bairro, na escola e na cidade, mas também em casa, e democratizar o brincar sem formatação ou calendário a cumprir” (Neto, 2020, p. 22).

Assim, o tema da aprendizagem através do lúdico, surgiu tendo em conta o meu interesse e a forma como vejo a educação. Assim procurarei explorar e investigar o que vários autores defendem sobre como o jogo e o lúdico potencializam a aprendizagem da criança em Educação Pré-Escolar, bem como a opinião de educadores de infância relativamente ao tema.

A presente investigação trata-se de uma metodologia mista, combinando dados quantitativos e qualitativos para melhor compreender e explicar o problema de investigação recorrendo a técnicas de recolha de dados: inquérito por questionário e entrevistas, respetivamente.

O presente Relatório Final encontra-se estruturado em duas partes: num primeiro momento, consagrado à Prática Profissional em Contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo, caracterização e apresentação do contexto da prática profissional, no qual apresentamos a caracterização do contexto, onde foi realizada a prática de ensino supervisionada, mais precisamente a descrição do percurso de estágio; no mesmo surge o tema e a problematização da questão de partida.

Na segunda parte encontra-se a revisão de toda a literatura consultada ao longo desta pesquisa, para melhor compreensão.

E por último, na terceira parte apresenta-se a metodologia utilizada, bem como as técnicas de recolha e análise dos dados. É descrita a interpretação dos dados recolhidos, apoiada e fundamentada pelo referencial teórico. procurando responder ao problema levantado no início deste estudo.

Nas considerações finais destacamos a importância das conclusões a que chegamos, a sua implicação na nossa prática docente futura e outras linhas de pesquisa possíveis para complementar o tema, levando em conta os estudos com os quais contatei, assim como os instrumentos de recolha de dados. Nas Referências Bibliográficas são anotados todos os artigos e obras consultadas.

1. Parte I - Prática Profissional em Contexto de Pré-Escolar e 1.º Ciclo

1.1.Contextualização da Prática Profissional

“A prática ... é um processo contínuo, social e interativo. A interação dos participantes, o fazer coisas em conjunto, a negociação de novos significados e o aprender uns dos outros são já inerentes à própria prática” (Wenger, 2001, p.132 citado por Formosinho & Machado, 2009, p. 116).

É certo que a prática profissional nos possibilita, enquanto estudantes, trabalhar conjuntamente com os educadores de infância, bem como com os professores, de modo a criar uma relação com a equipa de sala, a criança e a família.

Seguindo esta linha de pensamento, Trindade e Cosme (2010) afirma que as escolas necessitam,

para que os seus alunos aprendam, de proporcionar ambientes e experiências que potenciam vivências em função das quais as aprendizagens sejam possíveis e os contextos educativos não-formais proporcionam, certamente, situações de aprendizagem que resultam das experiências vividas por todos aqueles que percorrem tais contextos. (p.24)

A escola, efetivamente, um pilar fundamental à aquisição do conhecimento, devendo, conseqüentemente, ser encarada com seriedade, pois é na escola que se constrói o futuro, como afirma Mário Cordeiro: “A escola não deve fabricar «cavalos de corrida» para qualquer retoma económica, mas sim contribuir para o desenvolvimento de pessoas livres e felizes, assertivas e solidárias, que vivem uma vida própria e relacional nas futuras décadas.”.

Neste sentido, o estudante deve ser o centro das aprendizagens, o que significa que deve ser ativo e responsável pela construção do conhecimento, ou seja, a aprendizagem pode determinar tudo aquilo que concilia as atividades, tanto as ligadas ao compreender (entrada psicológica), como as que estão ligadas ao aprender (entrada educativa). Sendo que a primeira (entrada psicológica) corresponde às atividades ligadas ao raciocínio, à reflexão, intercâmbios verbais, inovação, criação e tomadas de decisões. A segunda (entrada educativa) corresponde às atividades designadas para favorecer a memorização, as rotinas e a utilização e aplicação de procedimentos simples.

Estas duas entradas de aprendizagem traduzem distinções de objetivos complementares que se rematam de uma forma vantajosa para ajudar o professor a compreender o aluno durante o processo de aprendizagem.

Perraud (2006) adicionalmente, a escola deve promover a inclusão, sem distinção, de modo a responder em equidade e qualidade a todas as crianças, independentemente da sua condição física, linguística, cognitiva, sociocultural ou mesmo financeira. Niza (1996) salienta que:

Escola inclusiva consiste em que todos os alunos devem aprender juntos independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma boa cooperação com as respetivas comunidades.... (p.147).

Tem por isso mesmo, um papel fundamental na promoção e consolidação de valores de solidariedade e cooperativismo, no compromisso com os seus pares. A este propósito Zabalza (1987, p.58) refere que a escola “deve ter uma leitura geral (a que se refere à missão geral encomendada à escola pela “ sociedade”, entendendo-se esta como o conjunto dos agentes sociais com capacidade para influenciar e/ou tomar decisões que especifiquem o papel da escola) ”.

Acreditamos que cada vez mais a escola deve centrar a sua imagem na individualidade da criança e no seu desenvolvimento pessoal autónomo. A escola deve “possibilitar o desenvolvimento dos interesses, das apetências e das necessidades de cada sujeito infantil”. (Zabalza, 1987, p.63)

1.2.Caracterização do meio envolvente

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) I, em contexto de Pré-Escolar, bem como a PES II, em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico foram realizadas na mesma escola, localizada na freguesia de Santo André, no concelho do Barreiro.

Esta escola situa-se na Quinta da Lomba, numa zona central, nas imediações do Centro de Saúde e da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos da Quinta da Lomba, numa zona

habitacional. É constituída por quatro edifícios, cuja tipologia arquitetónica é “Centenário Urbano” e, ainda, um moinho, que serve de arrumação de material desportivo. Existem dois pavilhões pré-fabricados, destinados a atividades da Componente de Apoio à Família (CAF) e às Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF). No espaço exterior, existe um campo polidesportivo vedado, um equipamento de exterior, composto por uma cabana, um escorrega, três mesas e vários bancos de jardim.

Cada estabelecimento educativo tem a sua própria dinâmica pré-estabelecida no Projeto Educativo (PE), um documento normativo, orientador e de planificação estratégica a longo prazo que deve ser operacionalizado através de um variado conjunto de documentos, ou seja, serve como instrumento de gestão estratégica, deve ser pensado e construído pela comunidade educativa, promovendo, numa primeira fase, a reflexão sobre a escola, as suas funções, os seus problemas, bem como a forma de os solucionar. Posteriormente, devem ser identificados valores e objetivos, estabelecidas metas e definidas estratégias de atuação e formas de avaliação, delineando-se planos de ação de curto e médio prazo, a fim de se proceder à operacionalização do projeto, entre os quais se destacam o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Agrupamento (PCA).

Para Madeira (1995) o Projeto Educativo deverá ser “encarado como um instrumento orientador da ação educativa no âmbito de um determinado contexto social, que articula a concepção e operacionalização da estratégia de desenvolvimento de um determinado estabelecimento de ensino com a participação da comunidade educativa na função educação” (p.172).

O Projeto Educativo do agrupamento, tinha como lema “Eu e os outros, num mundo em mudança”. Tendo em conta os desafios que as sociedades atuais enfrentam, como a globalização, a multiculturalidade ou os desenvolvimentos económico e tecnológico, a instituição educativa teve, conseqüentemente, de reforçar o seu papel na construção do conhecimento e na preparação de cidadãos capazes de enfrentar os múltiplos desafios do quotidiano. Deste modo, a missão da escola atual é conseguir conciliar estes desafios com o planeamento da ação educativa, articulando expectativas, valorizando as diferenças e norteando-se por um conjunto de valores humanistas e universais.

Assente na metodologia participativa e integradora de contributos de todos os elementos da comunidade educativa, o Projeto Educativo tinha como objetivo refletir sobre o compromisso dos diversos intervenientes, tendo como conceitos fundamentais os ideais de democracia, desenvolvimento, qualidade, universalidade, participação, equidade, inclusão, igualdade de género, combate a qualquer tipo de discriminação e educação ao longo da vida. Estes conceitos foram os principais pilares para a elaboração do Projeto Educativo.

1.3.Caracterização da entidade cooperante

1.3.1. Educação Pré-escolar

1.3.1.1.Caracterização do grupo de crianças do pré-escolar

“Há diferentes fatores que influenciam o modo próprio de funcionamento de um grupo, tais como as características individuais das crianças que o compõem, o maior ou menor número de crianças de cada sexo, a diversidade de idades ou a dimensão do grupo”. (Silva et al, 2017, p.1)

A caraterização do grupo permite perceber e observar o ritmo e a forma como as crianças se desenvolvem, conhecer como interagem entre si e como se relacionam com o mundo que as rodeia, são dados relevantes e essenciais nas aprendizagens, a serem considerados pelo educador na gestão do processo educativo.

A Sala era constituída por um grupo homogéneo de 20 crianças, 11 elementos do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, todos com 5 anos de idade. A maioria das crianças que constitui o grupo entrou este ano letivo na escola, enquanto as restantes já a frequentavam, mas numa sala diferente. Todas as crianças do grupo estavam ambientadas relativamente às rotinas, ao espaço e as relações interpessoais com os adultos presentes, não só em contexto de sala, mas também com os respetivos elementos da escola, pessoal docente e não docente.

As relações entre o grupo eram, por vezes, permeadas por algum conflito, por norma relacionado com a partilha de objetos, espaço ou pela carência de afeto. No período de observação em que existem conflitos é interessante o modo como alguns elementos protegem aqueles com quem têm uma melhor afinidade. Contudo é um grupo que revela, também, bastante cumplicidade entre si.

No que se refere à assiduidade, existe apenas uma criança do grupo, que no seu dia-a-dia não é assídua, e outra que não é pontual. As restantes frequentam a escola continuamente, faltando ou saindo mais cedo em situações pontuais.

No que diz respeito à interajuda, trata-se de um grupo onde este aspeto está muito presente. Enquanto uma criança arruma o jogo a outra disponibiliza-se para ajudar, acontece o mesmo com as crianças com NEE. Um grupo unido e disponível para ajudar o próximo.

Em relação às competências das crianças ao nível da linguagem, “vão-se estruturando em função dos contactos, interações e experiências vivenciadas nos diversos contextos de vida da criança. Estas competências são transversais e essenciais à construção do conhecimento nas diferentes áreas e domínios, já que são ferramentas essenciais para a troca, compreensão e apropriação da informação.” Deste modo, maioria do grupo possuía uma linguagem bem desenvolvida, conseguiam compreender e comunicar mensagens orais em diferentes situações de comunicação e não utilizavam demasiados diminutivos, no entanto existiam duas crianças que apresentavam algumas dificuldades na linguagem, mas apenas uma frequenta a terapia da fala.

De um modo geral as crianças conseguem compreender facilmente as mensagens orais. É, também, importante de salientar que todo o grupo já consegue reconhecer por escrito o seu nome e dos seus colegas, identificando no mapa de presenças, cadeira ou cacifos, o seu nome pela sua representação gráfica e não por símbolos.

Relativamente ao conhecimento do mundo, já possuem algumas noções significativas sobre o corpo humano (esquema corporal, a imagem de si mesmo, noção de género), sobre o meio físico, pois têm conhecimento das características das diferentes estações do ano, noções temporais e espaciais identificando com alguma dificuldade as formas geométricas, as cores e os números.

No que se refere à motricidade fina, grande parte do grupo já consegue colorir os desenhos, respeitando os limites das mesmas. O manuseamento da tesoura também é uma competência bastante desenvolvida pelas crianças, conseguindo utilizá-las corretamente nas suas atividades.

1.3.1.2. Organização do espaço

Segundo Rodrigues (2012), o espaço deve ser um ambiente cheio de potenciais aprendizagens e não somente um local onde uma criança permanece um determinado momento sob a vigilância de adultos. Ainda segundo o mesmo autor, o ambiente educativo deve retratar a relação ensino-aprendizagem e dever ser um ambiente favorável para diversas situações didáticas para as crianças.

A sala onde decorreu o meu estágio em Educação Pré-Escolar era um espaço amplo com área correspondente ao número de crianças (19), as janelas possibilitavam uma boa entrada de luz natural na sala, possuía apenas uma porta para entrada e saída das crianças. Relativamente ao ambiente vivido, devido ao COVID-19, cada criança tinha a sua caixa de material, não existindo partilhas entre crianças. Antes de entrar na sala e desinfetarem as mãos, todas as crianças trocavam os sapatos e vestiam o seu bibe.

O espaço da sala encontrava-se dividido por áreas de interesse, a saber: área da garagem, área da casinha, área da biblioteca, área da escrita e dos jogos de mesa (constituída à base de materiais de escrita), área das construções e a área da pintura. Estes espaços são sem dúvida uma mais-valia, uma vez que permitem aprendizagens diferenciadas de acordo com diferentes domínios do conhecimento. Por outro lado,

“definir áreas de interesse é uma maneira concreta de aumentar as capacidades de iniciativa, autonomia e estabelecimento de relações sociais das crianças. Como as áreas de interesse se encontram diariamente acessíveis às crianças, elas sabem quais os materiais e objectos que estão disponíveis e onde os encontrar”. (Hohmann e Weikart, 2004, p. 165)

Segundo Cardona (2007, p. 4), a organização do espaço e dos materiais da sala determina que tipo de atividade são possíveis de serem diariamente escolhidas pelas crianças, além de ser uma componente fundamental do projeto de trabalho e de condicionar os objetivos que o educador define (Cardona, 1992, p.8-15). Relativamente aos materiais de sala, os mesmos eram de fácil acesso às crianças. As áreas da sala eram propícias para a brincadeira livre e exploratória. Além disso, também tinham muitos materiais de escrita e de desenho, tudo previamente identificado com o nome de cada criança para não existir a tendência de troca de material, uma das medidas implementadas devido ao COVID-19.

1.3.1.3.Organização do tempo

O tempo educativo contempla, de forma equilibrada, diversos ritmos de atividades, em diferentes situações – individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo – e permite oportunidades de aprendizagem diversificadas, tendo em conta as diferentes áreas de conteúdo. (Silva, 1997, p.40).

Hohmann e Weikart (2007) afirmam que “A rotina diária proporciona às crianças muitas oportunidades para seguir e expandir os seus próprios interesses. Consequentemente, a rotina diária tem o potencial de ensinar aos adultos qualquer coisa nova sobre cada criança” (p. 227).

Para as crianças é muito importante existir uma rotina diária pré-definida, participada e negociada, na medida em que, para além de organizarem o seu tempo, elas conseguem perceber o que podem e o que não podem fazer em determinado momento e possibilita que o seu cérebro se organize de forma a dar uma maior segurança à criança.

Tal como referido nas OCEPE “Um tempo que contemple de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade, em diferentes situações — individual, com outra criança, com um pequeno grupo, com todo o grupo — e permita oportunidades de aprendizagem diversificadas” (p. 27) Isto é, são as rotinas também aprendizagens a assegurar, pois permitem que a criança se vá acomodando de “referências temporais que são securizantes e que servem como fundamento para a compreensão do tempo: passado, presente, futuro.” (p. 27). Deste modo, perspetivar a criança como cidadã do mundo implica criar atividades diversificadas, definidas em função do que a rodeia e das múltiplas possibilidades de se relacionar com os outros, como: cozinhar, contar histórias, fazer correspondência com outras escolas, acolhimento de familiares ou membros da comunidade

Como afirma Folque (1999), a “rotina é indispensável para criar um ambiente seguro onde o envolvimento cognitivo possa ocorrer” (p. 8) enquanto que, Vasconcelos (1997) defende que o tempo é flexível, ou seja, pode sofrer algumas adaptações em função da realidade do momento (por exemplo, estava previsto terminar uma atividade no período da manhã, mas as crianças mostraram interesse e entusiasmo em continuar a atividade à tarde então, para que isso acontecesse, era necessário negociar com o grupo).

1.3.1.4. Projeto de Intervenção em contexto de Pré-Escolar

Nas duas primeiras semanas de estágio, através da observação que fiz do grupo de crianças da Sala Azul, constatei que não existia nenhuma área na qual as crianças revelassem dificuldades significativas, mas sim uma grande curiosidade pela área da expressão e comunicação, “uma área básica, pois incide em aspetos essenciais de desenvolvimento e aprendizagem, que permitem à criança apropriar-se de instrumentos fundamentais para a aprendizagem noutras áreas, mas, também, para continuar a aprender ao longo da vida.” (OCEPE, 2016, p. 43)

No planeamento do dia, o grupo era unânime em trabalhar, essencialmente, os números, as letras. Como me foi dito, por exemplo pela criança LS.: *“Eu gosto muito de aprender, assim quando for para a escola dos crescidos já sei muitas coisas de matemática e das letras.”* (Notas de campo 20 de outubro de 2020)

A forma como a criança aprende é um momento objetivo, de aprendizagem através da ação, e é este momento tão significativo que lhe fica memorizado para, ou seja, como refere Trindade (2002),

O acto de aprender terá de ser entendido, então, não como um acto de apropriação de saberes construídos por outros, mas como um momento de enriquecimento ou de transformação da rede de representações com que o aluno aborda ou constrói os significados acerca da realidade que o envolve. (p.47)

Partindo da curiosidade natural das crianças e da sua necessidade de explorar a Área da Expressão e Comunicação, procurei perceber quais era os interesses do grupo de crianças para poder delinear as atividades a serem desenvolvidas.

Para tal recorri a diálogos com o objetivo de perceber quais as atividades a serem desenvolvidas em torno desta área, utilizando como estratégia o lúdico, no sentido de promover aprendizagens significativas, ativas, cooperantes e motivadoras para o grupo de crianças.

O lúdico e o brincar potenciam e desenvolvem na criança capacidades essenciais como: a atenção, a reprodução, a imaginação, memória, propiciando o desenvolvimento de áreas como afetividade, motricidade, inteligência, sociabilidade e criatividade.

Considerando que para a criança o jogo é o seu meio privilegiado de expressão a escola tem um papel fundamental na implementação e desenvolvimento dos mesmos.

O presente projeto de intervenção tem como finalidade refletir sobre a importância dos jogos, trabalhando a área de expressão e comunicação, que segundo as OCEPE (2016) “incide em aspetos essenciais de desenvolvimento e aprendizagem, que permitem à criança apropriar-se de instrumentos fundamentais para a aprendizagem noutras áreas, mas, também, para continuar a aprender ao longo da vida.” (p. 43)

Os jogos são um tema de excelência para o desenvolvimento integral da criança. Vários estudos têm verificado a sua relevância no desenvolvimento da criança, nomeadamente no que respeita ao contexto educativo, sobretudo no desenvolvimento das capacidades motoras.

Deste modo, a criança e o jogo é uma temática atual. Considerando o atual contexto social, familiar e educativo, as recentes transformações e alterações, designadamente as tecnológicas implicam um olhar mais atento pelas tradições e representações lúdicas.

Zanluchi (2005) afirma que “Quando brinca, a criança prepara-se à vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas.” (p. 89)

1.3.2. Ensino do 1.º ciclo

1.3.2.1. Caracterização da turma do 1.º ciclo

Dado que a caracterização do grupo permite perceber e observar o ritmo e a forma como as crianças se desenvolvem, conhecer como interagem entre si e como se relacionam com o mundo que as rodeia, impõe-se também aqui deixar esse registo.

Assim, a turma do 2º ano de escolaridade era constituída por 26 alunos, sendo 11 do sexo feminino e 15 do sexo masculino, com idades entre os 7 e os 8 anos de idade. A turma tem duas alunas brasileiras e três alunos que, embora sejam portugueses, são de famílias cujas origens são marcadamente africanas. Não existem alunos com necessidades educativas especiais, mas três crianças têm manifestas dificuldades de aprendizagem, ao nível da linguagem e da escrita, que neste momento se encontram a ser estudadas e acompanhadas pela professora titular.

No domínio comportamental, os alunos mostram-se entusiasmados e com vontade de aprender. São educados e em geral acatam o que lhes é dito. A turma é um

pouco conversadora, mas tem um ritmo de trabalho aceitável. Ao nível do domínio cognitivo, a turma demonstra boas competências. Três alunos mostram ter dificuldades de aprendizagem e uma aluna encontra-se em fase de transição entre os dois grupos anteriormente mencionados. Passemos às áreas curriculares:

Na área de **Português**, o grupo, na sua generalidade, adquiriu a técnica da leitura e escrita. Elaboram pequenos textos com coerência e correção ortográfica crescente. Gostam de ler e de ouvir histórias.

Na **Matemática**, a generalidade dos alunos conta e reconhece quantidades até 100. Opera a adição com transporte e a subtração simples, aplica diversas estratégias de cálculo, conhece conteúdos geométricos e gosta bastante da organização e tratamento de dados através de gráficos e diagramas.

No **Estudo do Meio**, os alunos mostram ter conhecimentos básicos do seu corpo, dominam razoavelmente a localização temporal e local e mostram-se interessados nas questões do meio, de si e dos outros.

Nas **Expressões**, os alunos mostram grande entusiasmo. Cada vez mais, descobrem novos materiais e formas de expressão, ultrapassam inibições na exposição no ato de cantar, pintar ou dramatizar.

Na **Cidadania**, todos os alunos se mostram empenhados e com curiosidade / vontade / espanto de olhar o mundo de forma diferente, esperando a professora que sejam essas as primeiras sementes para o desenvolvimento do espírito crítico construtivo do civismo.

1.3.2.2. Organização do espaço

A sala de aula encontrava-se com as mesas e cadeiras em filas e colunas, sendo esta a disposição mais tradicional com os alunos sentados todos virados para o quadro. O ensino tradicional caracteriza-se com o professor como figura central, sendo ele o portador central de conhecimento a adquirir pelo aluno. Segundo Arends (1995), esta disposição “(...) é mais adequada a situações em que o professor quer a atenção focalizada numa direção (...) durante a exposição de um tema, ou durante um trabalho independente no lugar.” (p.94)

Semelhante disposição, porém, tinha algumas implicações: por um lado, como não era possível existir distanciamento entre crianças, grande parte usava a máscara no interior da sala, devido à pandemia que o mundo está a vivenciar. Por outro lado, com

este modelo organizacional, o espaço entre as crianças é quase nulo, não proporcionando a discussão da atividade entre eles. No entanto, verifica-se que esta é a intencionalidade do professor, uma vez que é essencial que o grupo se centre no docente, para não existir distração através do diálogo de grupo.

1.3.2.3. Organização do tempo

É comum, nas escolas do Ensino Básico, os alunos terem uma rotina, ajustada a um horário semanal que deve ser cumprido. Estes horários adaptam-se, tanto às necessidades de cada aluno, como à importância de se estabelecerem regras e hábitos de funcionamento na sala de aula, principalmente nesta faixa etária. Deste modo, é relevante salientar que o dia dos alunos não se completa apenas com horários, mas também com outras atividades que possam surgir, como visitas de estudo, entre outras possibilidades propostas pelo agrupamento ou pela comunidade envolvente.

Assim, os horários são uma mais-valia, como por exemplo relativamente ao tempo destinado a cada área, uma vez que os alunos interiorizam através desta a importância da mesma – os alunos já sabem que cada área tem um determinado tempo, e que esse tempo deve ser aproveitado da melhor forma para que a aprendizagem seja eficaz.

1.3.2.4. Projeto de intervenção em contexto de 1º Ciclo

O tema do projeto de intervenção, surgiu no decorrer do período de observação, e partiu de um problema relacionado com os caixotes existentes na sala de aula, o fato de serem pequenos e por existir alguma dificuldade por parte de algumas crianças relativamente ao caixote correto para cada resíduo. Posto isto, e sendo a Educação Ambiental um fator determinante na sustentabilidade do Planeta Terra, tem a escola um papel fundamental no que concerne ao desenvolvimento da Consciência Ecológica, de toda a população.

Como afirma Cruz (2007), cabe à escola, promover aprendizagens com vista à defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania, visando a construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, responsabilidade, solidariedade, democracia e justiça social.

É de conhecimento geral que o empenho de cada indivíduo depende, muitas vezes, da forma como lhe foi transmitida a educação e a informação sobre as questões ambientais. Só uma sensibilização, promoção e educação ambiental constituem verdadeiros estímulos potencializadores de se alcançar sucesso na construção de um ambiente sustentável no presente e no futuro.

Com este projeto pretendo que a Educação Ambiental ganhe um lugar de destaque no contexto educativo, trabalhando de modo interdisciplinar. Acredito que será um processo sólido e duradouro, pois as crianças de hoje serão o futuro de amanhã, com capacidades, responsabilidades e intervenções capazes de mudar gerações futuras.

A realização do projeto de intervenção, teve como ponto de partida o livro “Para onde vai o lixo!” de Patrícia Corigo. Um livro que permite acompanhar a aventura do Pipas e aprender sobre a produção, decomposição e recolha de resíduos, bem como a sua reutilização e reciclagem. A temática da reciclagem permitiria trabalhar os restantes conteúdos: português, estudo do meio e matemática, de forma interdisciplinar.

Ao trabalhar a interdisciplinaridade em contexto de sala de aula o estudante tem oportunidade de raciocinar de uma forma abrangente, o que lhe permite identificar soluções, isto é o estudante deve ser capaz de “identificar, analisar, e dar sentido à informação” (Perfil do Aluno, 2017, p.24).

Assim, ao perspetivar o seu pensamento, as suas ideias, a outras áreas do saber, está a adquirir competências e a desenvolver o pensamento crítico. De uma forma global, a transdisciplinaridade é a união do conhecimento.

Enquanto futura educadora e professora do 1º Ciclo do Ensino Básico e seguindo o pensamento que “Os bons professores são mestres temporários, os professores fascinantes são mestres inesquecíveis”. (Cury,2004 pp.48-49) Ou seja, para Cury, os professores têm um papel fundamental no que concerne à promoção do conhecimento, pois contribuem para um bom progresso do saber, de sentimento, do prazer pela aprendizagem, da tranquilidade, da capacidade de falar ao coração e influenciar pessoas.

Assim, o interesse pelo tema da educação ambiental não foi difícil, visto ser um tema atual e que vem de uma necessidade de estimular a curiosidade e motivar as crianças, desde cedo, para a importância da educação ambiental.

Ao longo dos anos, o ser humano vai assimilando, progressivamente, a informação que o meio físico e natural lhe envia. A observação, a manipulação, a descoberta e a comunicação, são instrumentos que permitem ter acesso ao conhecimento e ao domínio do mundo que o rodeia.

O uso de atividades práticas de carácter lúdico, estimula o gosto do estudante pela aprendizagem. A prática explora a maior parte dos sentidos sensoriais ao mesmo tempo, tornando maior essa porta de entrada do mundo exterior, facilitando a interpretação do cérebro no processo cognitivo. Apoia-las no sentido de compreenderem como funciona o mundo que as rodeia, ajuda-as a encontrar relações entre fenómenos.

Cada vez mais, faz parte integrante das preocupações quotidianas do ser humano a preservação do seu meio ambiente, procurando sempre soluções que o mesmo se mantenha de boa qualidade.

É de conhecimento geral que o empenho de cada indivíduo depende, muitas vezes, da forma como lhe foi transmitida a educação e a informação sobre as questões ambientais. Só uma sensibilização, promoção e educação ambiental constituem verdadeiros estímulos potencializadores de se alcançar sucesso na construção de um ambiente sustentável no presente e no futuro.

Com este projeto pretendo que a Educação Ambiental ganhe um lugar de destaque no contexto educativo, trabalhando de modo interdisciplinar. Acredito que será um processo sólido e duradouro, pois as crianças de hoje serão o futuro de amanhã, com capacidades, responsabilidades e intervenções capazes de mudar gerações futuras.

Na perspectiva de Gadotti (2000), ao abordar a educação ambiental está a “Trata-se de uma opção de vida por uma relação saudável e equilibrada, com o contexto, com os outros, com o ambiente mais próximo, a começar pelo ambiente de trabalho e doméstico” (p. 88)

Para Sousa (2009) “O problema é o objectivo da investigação, a meta que se pretende atingir, a pergunta científica para o qual procuramos resposta” (p.44).

Assim, várias questões se levantaram, como:

- Sabem as crianças a maneira correta de fazer a reciclagem?
- Estarão as crianças motivadas e sensibilizadas para as questões ambientais?

- Na gestão de resíduos, o que significa a política dos 3 R's?
- A defesa do ambiente é uma questão que preocupa as crianças?

Partindo destas questões e em conversa com a professora cooperante chegámos à conclusão de que a implementação de um projeto com base na temática da reciclagem seria uma mais-valia para a turma tendo como principal objetivo formar cidadãos conscientes e éticos relativamente à preservação do meio ambiente.

1.4. Desenvolvimento da Prática de Ensino

Para Pimenta e Lima (2004) (apud Pires 2013), o estágio é uma etapa indispensável para o futuro profissional, pois é um local onde podemos ver as nossas falhas e as podemos aperfeiçoar através da reflexão. O mesmo acontece com a minha intencionalidade pedagógica e as metodologias que pretendo implementar de futuro. É no decorrer deste período que se constroem relações, trocas de conhecimentos, aquisição de novos saberes e de uma enorme transformação, tanto a nível profissional como a nível pessoal.

Tendo em conta a complexa realidade sócio educacional que marcam a educação atual, é sem dúvida essencial que um estagiário reconheça e valorize a realização da Prática de Ensino, o estágio.

Como referido no Artigo 14º, 2007, o “desenvolvimento profissional dos formandos visando o desempenho como futuros docentes e promovendo uma postura crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional”.

Nóvoa (1992), por seu turno, afirma que “a possibilidade de “vestir o papel” de futuro educador por um determinado tempo permite experimentar, ensaiar novos modos de trabalho pedagógico e refletir criticamente sobre a sua utilização” (p.12).

Posto isto, vemos o estágio como uma componente importante do processo de formação de futuros educadores/professores, visto ser neste momento em que o estudante percebe as se prepara para a inserção no mercado de trabalho, onde temos um papel reflexivo e ativo, aprendemos a observar e escutar. É também neste momento,

enquanto estagiários, que nos questionamos sobre os princípios e pressupostos a seguir, as metodologias e modelos a adotar, de forma a assumir um papel mediador.

Consideramos que no decorrer dos estágios, no contato com a realidade educativa, conseguimos aplicar os nossos conhecimentos relativos às diferentes áreas do saber: saber ser, saber estar e saber fazer.

1.5.Problematização da questão de partida

No decorrer dos estágios realizados, no âmbito curricular da Prática de Ensino Supervisionada, foi proposta a implementação de um projeto de intervenção tendo por base a identificação de um problema/ necessidade de intervenção, junto do grupo/ turma de crianças com o qual realizámos o nosso estágio.

Ambos os estágios fizeram-me recair na aprendizagem através do lúdico, tendo como objetivo principal promover uma aprendizagem centrada no papel ativo do grupo, recorrendo à aprendizagem através do jogo, que “pode constituir um recurso para promover a articulação de conteúdos na prática pedagógica dos educadores [e professores], em diferentes estratégias, no desenvolvimento de aprendizagens das crianças” (Serrão, 2009, p. 1).

O tema da aprendizagem através do lúdico surgiu tendo em conta o nosso interesse e a forma como vemos a educação. Consideramos ser uma área fulcral e em contexto de PES pouco desenvolvida por parte da educadora de infância e por esse motivo, este tema surge para além do meu interesse pessoal, mas principalmente pelo interesse profissional.

Atendendo a esta observação sobre a importância do lúdico na aprendizagem das crianças, desenvolvemos um estudo que visa *identificar e refletir de que forma o lúdico pode potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar.*

2. Parte II – Revisão da literatura

2.1. Ludicidade e desenvolvimento da criança

Desde o início que toda a atividade lúdica, segundo Wajskop, citado por Dias (2013), era vista como um instrumento de ensino, porém não lhe foi logo conferida a relevância que mais tarde adquiriu. As formas de jogar e brincar, bem como os espaços, os tempos e os objetos utilizados no decorrer destes momentos lúdicos foram-se tornando menos artesanais e cada vez mais tecnológicos, utilizando muitas vezes como recurso a internet.

Chamboredon & Prévot, citado por Monteiro C. e Delgado, A. (2014) referencia que os brinquedos pedagógicos se tornaram componentes potenciadoras das sociedades, contrariamente aos pareceres defendidos pelos nossos antepassados, ultrapassando o sentido que era atribuído às brincadeiras enquanto um momento meramente prazeroso.

Deste modo, é no decorrer dos primeiros anos de vida da criança que se desenvolve a identidade e a sua estrutura afetiva, emocional e intelectual. Assim, é de extrema importância que as atividades apresentadas à criança sejam promotoras de aprendizagens significativas. Uma das principais estratégias é o recurso a atividades lúdicas que despertem a curiosidade da criança e promovam um bom desenvolvimento, na mesma, a todos os níveis.

A palavra “lúdico” surge do latim ludos, que tem como significado “brincar”, onde se incluem jogos, brinquedos e divertimentos (Nascimento et al., 2013). Para uma atividade ser considerada lúdica esta deve estar designada ao entretenimento dos seus participantes, proporcionando momentos de prazer e diversão; atividades relacionadas com o brincar e com o jogar.

De acordo com o Princípio 7.º da Declaração dos direitos da Criança (UNICEF, 1959) “A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a atividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objetivos da educação: a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se para promover o gozo dos direitos.” Ou seja, o lúdico é considerado como um instrumento pedagógico que tem como principal objetivo auxiliar a criança com o recurso à brincadeira de modo a conseguir expressar melhor os seus pensamentos, ideias e sentimentos, de forma a conseguir integrar-se melhor na sociedade em que vive.

O jogo e a brincadeira são dois momentos que incidem em todos os níveis de desenvolvimento das crianças: moral, espiritual, físico e moral, sendo através destes níveis que a criança se consegue expressar com os outros que a rodeiam, expondo as suas ideias, medos, habilidades, sentimentos e dificuldades.

Vigotsky, citado por Rolin, A., et al (2008, p.176), refere que

“Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. É assim através da brincadeira que a criança cria e recria a realidade, mediante a utilização de sistemas simbólicos (jogo simbólico). O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino aprendizagem.”

Posto isto, podemos afirmar que a utilização de jogos e brincadeiras em contexto de sala, reforça a construção e a exploração do saber da criança, pois é desta forma que se estimula a imaginação, a motivação interna, bem como produção e reprodução de conceitos anteriormente aprendidos.

2.2.A aprendizagem através do lúdico

Ao longo desta pesquisa, encontrei vários autores que referenciam a utilidade da atividade lúdica no desenvolvimento global da criança, favorecendo, muito particularmente, aspetos de integração afetiva, social e cultural.

Começando pelo termo da aprendizagem, de acordo com Penteadó (1979) é “o processo pelo qual o indivíduo sofre mudanças em seu comportamento, modifica seu desempenho, reorganiza as estruturas do seu pensamento, ou descobre novas maneiras de agir, novas ideias e informações” (p.43). Isto é, quando ele aprende.

Seguindo esta linha de pensamento Pinto e Tavares (2010), baseando-se em Dockrell (2000) afirmavam que, para a aprendizagem se tornar significativa, o indivíduo necessitava de compreender e utilizar no decorrer da sua vida. O recurso aos jogos lúdicos não é entendido apenas como uma forma de brincadeira, pois, segundo Friedmann (1996), estes jogos possibilitam a cooperação e a interação que, para além de estimularem o raciocínio, promovem a socialização, que se transformará numa aprendizagem significativa, bem como uma fonte de motivação para a criança.

A palavra lúdico tem origem na palavra latina “ludus” que quer dizer “jogos” e “brincar”. Tendo como base as pesquisas efetuadas, compreendemos que existem diversas opiniões relativamente à atividade lúdica.

Para Campos (2010, citado in Cunha 2013), as atividades lúdicas “são de extrema importância para a construção do conhecimento da criança e também promovem aprendizagem” (p. 33). A mesma autora refere que “as brincadeiras e os jogos permitem a interação e criam bons hábitos nas crianças, e que por esta razão devem ser utilizados como recursos pedagógicos” (p. 33). Também os autores Salomão, Martini e Jordão (2007) salientam a importância do lúdico, tanto para o desenvolvimento, como para a aprendizagem da criança, afirmando que os processos lúdicos não estão presentes apenas quando a criança brinca, mas em diversas situações e atividades como ao ler um livro. É através deste ato, que a criança explora e compreende o mundo que a rodeia, são atividades que “atraem a atenção das crianças e podem se constituir em um mecanismo de potenciação de aprendizagem” (p.11).

Tendo como base a definição de atividade lúdica, e perante as referências mencionadas anteriormente, existem quatro conceitos que se intersejam: o conceito de brincar, brinquedo, brincadeira e de jogo. Recorrendo ao Dicionário da Língua Portuguesa (2020), é possível definir cada um destes conceitos:

- Brincar: divertir-se; entreter-se com alguma coisa infantil.
- Brinquedo: objeto para brincar.
- Brincadeira: ato ou efeito de brincar; divertimento, jogo, parcialmente de crianças; passatempo.
- Jogo: atividade lúdica executada por prazer ou recreio, divertimento, distração; atividade lúdica ou competitiva em que há regras estabelecidas.

Complementando com as palavras de Pereira (2009), o lúdico abrange “o brincar, as brincadeiras, o jogo, todo o ato que a criança faz de forma voluntária, onde ela vai desenvolver a sua criatividade, seu raciocínio e aumentar seus conhecimentos” (p.20). Seguindo esta linha de pensamento, somos apologistas de um ensino motivador e cooperante, de forma que as crianças se unam para aprender e trabalhar cooperativamente, mantendo o interesse das crianças desperto.

No desenvolver da Prática de Ensino, fui observando que era através do brincar, tanto em atividades lúdicas voluntárias como perante jogos educativos, que as crianças se envolviam umas com as outras, através da comunicação e pela interação entre pares, trabalhando cooperativamente e contruindo aprendizagens mais significativas. Promover uma aprendizagem centrada no papel ativo da criança, recorrendo à aprendizagem através do jogo, para Serrão (2009), “pode constituir um recurso para promover a articulação de conteúdos na prática pedagógica dos educadores [e professores], em diferentes estratégias, no desenvolvimento de aprendizagens das crianças” (p. 1).

É particularmente evidente que a atividade lúdica tem o potencial de colocar a criança porventura mais motivada para participar em situações diversas, com a finalidade de a levar a experimentar, investigar, conhecer as suas capacidades e limitações. Consideramos que com a menção das diversas perspetivas dos pedagogos, referidos anteriormente, é possível compreender o papel que esta tem no desenvolvimento da criança, o conceito de atividade lúdica, bem como a definição de outros conceitos agregados à mesma.

2.3.O papel do brincar nas crianças

O conceito de brincar tem vindo a sofrer algumas alterações ao longo dos anos. Inicialmente a brincadeira era vista como um dispêndio de energia por parte da criança, tempo perdido, em que ela não se desenvolvia nem adquiria novas competências.

Santos (2002) defende que brincar é:

(...) uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspeto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento. (p. 12)

Brincar não se aprende - vive-se, experimenta-se. O Brincar é uma linguagem universal, ela ultrapassa fronteiras, culturas, crenças, isto é, todas as crianças aprendem a brincar de uma forma espontânea, autêntica. A definição de brincar é complexa, o seu significado muda conforme o objetivo e o ponto a alcançar. Desta forma, são vários os

autores que defendem o brincar como um momento de grande desenvolvimento para as crianças.

Começando por Vigotsky, citado por Rolin, A., et al (2008), alude que

“Brincar é aprender; na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas. É assim através da brincadeira que a criança cria e recria a realidade, mediante a utilização de sistemas simbólicos (jogo simbólico). O lúdico torna-se, assim, uma proposta educacional para o enfrentamento das dificuldades no processo ensino-aprendizagem.” (p.176)

Ferland (2006) vê a brincadeira como um momento de prazer, este tempo é sentido pela criança como mera diversão, ou seja, a criança brinca por brincar, não tanto pela aprendizagem que ocorre nesse período, não sendo o seu objetivo principal. Contudo o autor afirma que com o ato de brincar a criança conseguirá atingir novos conhecimentos, valores, conceitos, descobrindo de uma forma mais diversificada o mundo que a rodeia.

Para Piaget e Montessori, citado por Peterson e Collins (1987), a brincadeira é importante para o desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor da criança. Como citado pelo autor a brincadeira, “sendo uma actividade plena de sentido por parte da criança: é a sua aprendizagem do mundo e constitui a base do seu desenvolvimento.”

Smith (2006) considera o brincar como o oposto ao trabalho, como uma atividade realizada por si mesma e sem limitações externas

O desenvolvimento da autonomia e da identidade estão relacionados com a atividade de brincar, é no meio destas brincadeiras que as crianças desenvolvem capacidades muito importantes, como a imitação, a memória, a atenção e a imaginação. A atividade lúdica pode ser presenciada pelas crianças de diversas formas, dependendo das suas intenções, objetivos e características dos objetos utilizados.

O comportamento de brincar é surpreendente. Segundo Peter Smith (2010, pp.4-5), na perspectiva da criança que brinca “pode não existir um propósito pois ela brinca apenas porque isso lhe dá prazer; contudo, para o observador que investiga, o brincar tem várias funções.” Algumas das funções que têm sido nomeadas em diversos estudos foram: aumento de competências físicas, cognitivas, linguísticas, sociais e emocionais.

Brincar auxilia o desenvolvimento da musculatura e do esqueleto, da resistência

e da força; o raciocínio abstrato e matemático; ajuda a distinguir fantasia de realidade; a desenvolver o pensamento simbólico e a imaginação; a treinar competências linguísticas na interação de pares; a criar laços sociais e construir amizades; a aprender e treinar competências de negociação; a respeitar e assumir regras definidas pelo grupo; a desenvolver a capacidade de empatia; aprender papéis sociais e de gênero da sua cultura; a aumentar o autocontrole e a regular as emoções; e, provavelmente ainda, a treinar para lidar com situações inesperadas, mantendo um nível baixo de ansiedade e de capacidade de resposta. (Almeida e Santos, p.57) Posto isto, consideramos que não se pode descurar o valor que o brincar tem para o desenvolvimento infantil.

Isto é, desenvolve competências que relacionadas com a diversão e a satisfação promovem o seu desenvolvimento. É um comportamento que faz parte da história, um comportamento que todos os animais têm a necessidade de experimentar na infância, e como o ser humano tem uma infância muito longa, necessita de muito tempo para brincar e de se estruturar de um ponto de vista cognitivo, motor, social e emocional.

Para uma definição mais concisa, Garvey (1979) definiu o brincar como algo:

1. Agradável, divertido. Mesmo quando não é acompanhado por sinais de alegria, é avaliado positivamente por quem brinca.
2. Que não tem objetivos extrínsecos, ou seja, as suas motivações são intrínsecas, não estando ao serviço de outros objetivos. Efetivamente, consiste mais num disputar da atividade em si do que num esforço dedicado a qualquer fim particular. Em termos utilitários é inerentemente produtivo.
3. Espontâneo e voluntário. Não obrigatória e escolhida livremente por quem brinca.
4. Que implica um certo empenho ativo por parte do sujeito.

Posto isto, a palavra brincar só pode ser empregue quando a criança se entrega ao que está a realizar, por exemplo, quando uma criança está na área das construções, ela está efetivamente a brincar quando interage e “veste” outra personagem, interagindo com os seus colegas ou adultos com a sua nova identidade. É através destes momentos de brincadeira que as crianças se despertam as suas capacidades de concentração, sentindo-se capazes de resolver problemas, manusear objetos e apropriar-se da linguagem oral, adquirindo novas competências sociais e motoras.

Através de várias leituras foi possível compreender a importância que o brincar tem vindo a ganhar no que concerne o desenvolvimento da criança. Kishimoto (2010) defende que o brincar é a atividade principal da criança, pois permite: tomar decisões; expressar sentimentos e valores; partilhar brincadeiras com os outros; expressar-se individual e coletivamente; explorar o mundo com diversos objetos, pessoas e elementos da natureza; usar o corpo e os seus sentidos através de movimentos; selecionar problemas e solucioná-los.

O ato de brincar deve ser visto como algo crucial no desenvolvimento da criança, é um comportamento motivado intrinsecamente, auto-adaptativo, que permite o desenvolvimento de competências fundamentais como a regulação emocional, a cultura de sobrevivência, o confronto com a adversidade, a autoconfiança, a relação social e as competências motoras e cognitivas que são fundamentais no processo evolutivo. O corpo em movimento e o brincar é o arquiteto do cérebero, e por isso, mentes equilibradas e ativas implicam corpos ativos, mediados por emoções e afetos. Isto porque, enquanto brincar, a criança transmite muitos significados, ela exprime-se por meio da linguagem, das atitudes e dos gestos.

Segundo a pedopsiquiatra Ana Vasconcelos, «a criança que não brinca não exercita as ferramentas para lidar com o mundo. O medo e a insegurança incrementam-se, perde-se experiência de vida, diminui o pensamento emocional», ou seja, quando uma criança não tem espaço nem tempo para brincar ela não desenvolve a flexibilidade mental. O nosso cérebero é social, isto é, ele aprende com o cérebero dos outros. Veja-se o caso concreto das crianças encontradas nos orfanatos da Roménia: por estarem sempre enfaixadas, inativas e isoladas, o córtex pré-frontal, ligado ao pensamento autónomo, estava subdesenvolvido. Semelhante contexto traumático, porém, não as limitou totalmente: após seis meses de estimulação, isso foi revertido. (Neto, 2020, p. 42)

Ponderemos o conceito de **brincadeira livre**: Kishimoto (2010) salienta a sua importância, muito embora seja um ato muitas vezes esquecido ou menosprezado pelos agentes educativos, optando por atividades orientadas e com vista à aquisição de determinadas aprendizagens através da realização de “trabalhos”. Para Ferland (2006) considera-se brincadeira livre quando “a criança decide sem indicações o que fazer com os objetos”, ou seja, o momento em que a criança decide por si mesma, sem interferência do adulto, o que fazer com cada objeto. Com este tipo de brincadeira a criança desenvolve a sua imaginação, a sua criatividade e fantasia. O mesmo não

acontece numa **brincadeira estruturada**, que, segundo a mesma autora, é uma brincadeira regida por regras e instruções previamente definidas, como são os jogos.

Para ambos os autores, estes dois tipos de brincadeira – livre e estruturada, devem ser postas em prática, não uma em detrimento da outra, mas sim num equilíbrio que permita que ambos se complementem em prol do desenvolvimento da criança, ou seja, o educador deve estar disponível para a criança, para a escutar, compreender, deve ter a capacidade de entender os seus sinais, de perceber e alcançar outras linguagens que a criança utilizar para se expressar e participar. Quando é oferecido espaço e tempo à criança, o adulto estará a dar resposta às suas carências, contribuir para uma maior exploração e descoberta de novas aprendizagens que conseqüentemente iram enriquecer o seu conhecimento.

Neste sentido, deveria existir um equilíbrio entre a brincadeira livre e as atividades orientadas, de forma que ambas se complementem em prol do desenvolvimento da criança. Assim, o papel do adulto é fulcral na medida que os primeiros anos de vida da criança, até aos 5 anos de idade, são passados em creches e jardins-de-infância. Deste modo, é necessária uma maior valorização do brincar por parte das famílias, reconhecerem a sua relevância para o desenvolvimento e crescimento da criança.

Como vem referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, 2016), que o “brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender.” (p.10) A não existência desta perceção por parte das famílias, vendo a brincadeira como um passatempo, é muito provável que a criança não desenvolva todas as suas capacidades. O comportamento de ser ativo é um direito fundamental na infância – Artigo 31º da Carta Internacional dos Direitos da Criança,

“1. Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.

2. Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de actividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.”

Ou seja, a infância é uma experiência única, pois só se vive uma vez, não é repetível. Neste sentido, impõe-se que nos questionemos se é disponibilizado tempo e espaço às crianças para que elas vivam essa experiência de forma adequada e não como se se tratasse de adultos numa escala inferior. Por seu turno, de que maneira o adulto se envolve nas atividades lúdicas da criança? Portugal (2000) faz referência ao adulto *playmate*, como o adulto que brinca e se envolve nas atividades desempenhadas pela criança, e valoriza-o relativamente ao adulto *caremake*, que apenas proporciona à criança um espaço de atividade, sem participar nela.

Como tal, ao compreender a importância do brincar para o desenvolvimento da criança, o educador estará a fomentar o gosto pela imaginação, socialização, pelo movimento, potencializando a sua aprendizagem e evolução.

Vygotsky (1978) argumentou que o adulto desempenha um papel-chave como auxiliar da aprendizagem infantil, ou seja, o desenvolvimento cognitivo ocorre através da interação com outras pessoas mais conhecedoras e mais competentes, que podem transmitir à criança as ferramentas culturais exigidas para a atividade intelectual (linguagem).

O processo de colaborar com outra pessoa mais conhecedora não só dá à criança novas informações sobre um determinado tópico, mas também confirma os aspetos da questão que ela compreende. Esta cooperação entre a criança e outros indivíduos mais conhecedores ajuda-a a progredir intelectualmente.

Assim, o papel do educador deve ser o de assegurar a segurança através da observação, não limitando a criança de explorar livremente a brincadeira nem o espaço envolvente. Como referido anteriormente, é durante a desenvolvimento da criança que ela aprende a brincar, pela convivência com os seus pares, com o adulto, com o meio envolvente e com os brinquedos.

Neste sentido, o Jardim de Infância e a sua componente educativa assumem um papel fulcral, ao oferecer à criança a exploração dos espaços de forma diversificada e significativa, absorvendo as potencialidades de cada criança. Tanto os espaços interiores como os espaços exteriores devem ser vistos com a mesma potencialidade libertadora da criança, trazendo-lhes diversas vantagens para as suas aprendizagens.

Quando o educador estimula a brincadeira na sala, com o grupo de crianças, está a permitir-lhes a decisão e a responsabilidade sobre a brincadeira que pretendem, entre crianças, desenvolver, a chamada **brincadeira livre e social**.

Livre por ser a criança quem define a sua brincadeira, que lidera, escolhe os elementos para participarem consigo, seleciona os objetos e organiza de que forma decorrerá a brincadeira. É a própria criança que imagina a brincadeira e cria as regras para a mesma. E social pois enquanto brinca a criança esta em contante relacionamento tanto com outras crianças como com o espaço ou os objetos que a rodeiam.

Como afirma Neto (2020) “O brincar livre não se ensina: vive-se, experimenta-se e descobre-se em qualquer contexto, em qualquer momento.” (p. 23) Consideramos que o ato de brincar favorece a recriação do mundo pela criança, sendo igualmente um fator fundamental na produção de fantasias, isto é, no decorrer de uma brincadeira a criança torna-se no que ela mais desejar, é um momento de estar consigo mesma e pode ser partilhado com outros se a criança assim o aceitar. Como tal, assume igualmente um carácter único, pessoal, ainda que passível de ser partilhado pelos seus pares.

Salomão; Martini e Jordão (2007) vão ainda mais longe, ao defender que o “brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la” (p.12).

2.4.O papel do jogo nas crianças

Para Neto (2001), “jogar/brincar é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância, tornando-se uma área de grande atração e interesse para os investigadores no domínio do desenvolvimento humano (...)” (p.194). O jogar é parte integrante da vida de uma criança. É algo inerente à sua natureza, bem como o brincar, tão necessário à sua existência como respirar, alimentar-me ou dormir. É a forma natural de a criança estar na vida, quer como atividade espontânea, como atividade orientada.

Como afirmam Salomão; Martini & Jordão (2007), as brincadeiras e jogos das crianças são muitas das vezes vontades naturais e é isso que torna o jogo e o brincar um momento de motivação para as mesmas. Em suma, o jogo é para todos os autores, uma atividade lúdica, um momento de diversão, tendo um papel de extrema importância no

desenvolvimento cognitivo do ser humano, tanto no equilíbrio emocional como psicológico.

Para autores como Neto (2020), Lima (2008), Huizinga (2003), Fröebel (1782-1852), entre outros, o jogo é considerado como uma atividade de extrema importância para o desenvolvimento do ser humano, desde crianças a adultos. O principal objetivo desta atividade é de atingir algo, implicando esforço por parte da criança, disciplina, trabalho, respeito pelos seus pares e a compreensão regras.

A palavra “jogo” vem do latim *locu*, que significa gracejo, foi aplicada no lugar de *ludu*: brinquedo, passatempo, divertimento. No entanto, esta não é uma palavra utilizada com o mesmo significado em todas as culturas. Tal como nos idiomas português, espanhol, alemão e muitos outros, a língua francesa adota apenas uma palavra – *jeu* – para designar jogo e brincadeira (*game* e *play*, em inglês).

O jogo denomina-se como o espaço em que a o ser humano experimenta, se diverte, e constrói, onde recebe a identidade cultural de outras gerações e da sua cultura local. Através do jogo a criança absorve o conhecimento do que a rodeia e apresenta-se como um instrumento importante na estruturação da sua personalidade. Isto é, o jogo faz com que a criança descubra comportamentos como: a autonomia, o cumprimento de regras e o respeito pelo seu par.

Para Neto (1998), o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem. Neste sentido, o autor afirma que seria essencial os docentes adquirirem “uma formação inicial, contínua e pós-graduada mais consistente e adequada sobre os fundamentos pedagógicos e científicos do jogo no desenvolvimento da criança” (p.167).

Como referido anteriormente, tal como nas brincadeiras, também existem várias taxonomias ou formas de categorizar os tipos de jogos e diferentes perspetivas segundo diversos autores. Neto (2003) defende que existem quatro tipos de jogos:

- simbólico ou de imitação que ocorre como uma extensão da imaginação em representações de vários papéis (faz-de-conta), através da expressão verbal e não verbal, sons, linguagem, por exemplo quando a criança imita os pais ou telefona para uma figura imaginária ou real;

- de repetição, que envolvem a escolha repetida do mesmo jogo, escolha feita por parte da criança;
- com objetos ou de agrupamento, definido como a capacidade de manusear ou manipular objetos diversos, ou seja, são atividades onde a criança tem a oportunidade de agrupar objetos construindo a sua representação do mundo à sua volta;
- de construção, surgem quando as crianças por meio da brincadeira, constroem algo com significado.

Numa perspectiva diferente, Piaget (1967) citado por Salomão; Martini & Jordão, 2007, agrupou os jogos baseando-se em três fases do desenvolvimento infantil:

- Na fase do sensório-motor (entre o nascimento e os 2 anos de vida), as crianças gostam de fazer jogos que envolvam o exercício, têm noção do espaço que as rodeia e agem sobre ele.
- Na fase pré-operatória (entre os 2 e os 7 anos de idade), caracterizada pela existência do jogo simbólico, as crianças compreendem e reproduzem a realidade.
- Na fase das operações concretas (entre os 7 e os 11 anos de idade), pautada pela existência de regras, para o autor os jogos decorrem com regras pré-estabelecidas que, se não forem cumpridas, as crianças serão sancionadas.

O jogo é a expressão mais elevada do desenvolvimento humano na infância, pois só ele é a livre expressão do que vai na alma de uma criança" (Friedrich Froebel). Ora, quando usado em contexto de sala, sugerido pelo educador ou professor com o objetivo principal de atingir um fim, uma aprendizagem, deixa de ser visto como um jogo e passa a ser visto, segundo diversos autores, como um jogo educativo, cujo objetivo é o de estimular o interesse, a descoberta e a reflexão.

3. Parte III – Enquadramento Metodológico

3.1. Objeto de estudo

Para Sousa (2009), “O problema é o objectivo da investigação, a meta que se pretende atingir, a pergunta científica para o qual procuramos resposta” (p.44).

Assim, várias questões se levantaram, como: Que estratégias poderão ser adotadas de forma que os grupos se mantenham motivados para a aquisição de novos conhecimentos? Qual a maneira mais atrativa de abordar conteúdos para que a criança aprenda?

Promover uma aprendizagem centrada no papel ativo da criança, recorrendo à aprendizagem através do jogo, para Serrão (2009), “pode constituir um recurso para promover a articulação de conteúdos na prática pedagógica dos educadores [e professores], em diferentes estratégias, no desenvolvimento de aprendizagens das crianças” (p. 1).

No desenvolver da Prática de Ensino, fui observando que era através do brincar que as crianças se envolviam umas com as outras, trabalhando cooperativamente e contruindo aprendizagens mais significativas.

Atendendo a esta observação sobre a importância do lúdico na aprendizagem das crianças, procurarei desenvolver um estudo que visa *identificar e refletir de que forma o lúdico pode potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar*, partindo das seguintes questões:

- Se o educador prioriza o desenvolvimento de jogos educacionais e atividades lúdicas em determinadas áreas de conteúdo/ em domínios específicos;
- No plano da criação dos recursos, se o educador cria de raiz, se implementa materiais pré-existentes e/ou se os adapta;
- Se o educador observa padrões de progresso da criança quando esta é motivada pelo lúdico.

3.2. Métodos e procedimentos

3.2.1. Metodologia

Fortin (1999) afirma que a metodologia “é o conjunto dos métodos e das técnicas que guiam a elaboração do processo de investigação científica”. Considera igualmente

como a “secção de um relatório de investigação que descreve os métodos e as técnicas utilizadas no quadro dessa investigação” (p. 372).

A metodologia selecionada e empregue para a presente investigação insere-se numa metodologia mista, focando-se essencialmente em procedimentos interpretativos. Vários autores como Lincoln, Y. e Guba, E. in Denzin, N., Lincoln, Y. e col., 2006; Serrano, 2004 defendem que a junção da abordagem quantitativa com a abordagem qualitativa é adequada e útil em situações que se pretenda aprofundar, explicar ou compreender a realidade em estudo. Deste modo, a abordagem mista permite a complementaridade entre os dois métodos: quantitativos e qualitativos, possibilitando a extensão dos resultados obtidos no decorrer da investigação.

Os resultados de estudos feitos com o recurso a este tipo de metodologia baseiam-se, habitualmente, através de cinco objetivos:

1. A triangulação constitui-se na combinação de dois ou mais pontos de vista, é o primeiro objetivo e tem como foco a procura de abordagens teóricas, convergência e corroboração de diversas estratégias.
2. A complementaridade é o segundo objetivo que tem como base a procura de explicação dos resultados obtidos de uma metodologia para a outra.
3. O terceiro objetivo é o desenvolvimento, isto é, utilizam-se os resultados obtidos de uma metodologia para comunicar outras.
4. A iniciação é o quarto objetivo que serve para encontrar paradoxos que transportam para uma reformulação da questão, ou questões, de investigação.
5. O último objetivo baseia-se na expansão, tem como base alargar a diversidade e o alcance da investigação, através de diversos métodos para os diferentes elementos da pesquisa.

Em suma, a metodologia mista baseia-se em combinar dados quantitativos e qualitativos para melhor compreender e explicar um problema de investigação.

3.3. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

O autor Natércio Afonso (2014) define as técnicas como “modalidades formalizadas de recolha e análise de informação empírica implicando a utilização de instrumentos, a montagem de dispositivos e a concretização de procedimentos específicos.” (p.134) Seguindo a linha de pensamento do autor citado anteriormente, os

instrumentos são “objetos construídos e/ou selecionados para utilização na recolha e/ou análise da informação empírica.”

Sendo a presente investigação de carácter interpretativo, é fundamental seleccionar técnicas e instrumentos para ajudar na recolha de dados e na concretização dos objetivos definidos. Assim, de forma a recolher dados que permitissem ver na prática aquilo que consta em teoria foram realizados questionários e entrevistas a educadores de infância que estivessem em contexto de sala de pré-escolar.

i. Questionário

Em estudos de investigação, os questionários são uma mais-valia como instrumento de recolha de informações, permitindo a obtenção de dados de forma estruturada e por vezes numérica, que segundo Wilson & McLean (1994), a sua utilização sem a comparência do investigador são de análise relativamente fácil.

Para Hoz (1985), um questionário é um instrumento de recolha que agrupa um conjunto de perguntas com o objetivo de se obter respostas para as questões selecionadas, tratando-se assim de um instrumento de fácil acesso, baixo custo e rápida recolha de informação (Bell 2004).

Os questionários podem ser classificados em três tipos diferentes, aberto, fechado e misto, e devem ter sempre como principal objetivo valorizar a transparência das questões enunciadas no questionário (Leite, Malpique & Santos 2001). No que se refere ao questionário aberto este garante respostas de maior fundura, no entanto, a análise e o resumo deste tipo de questionário é mais trabalhoso visto que o investigador pode obter um leque mais variado de respostas. Assim, o questionário aberto tem questões, às quais o inquirido pode, de acordo com Bell (2004), expressar-se de forma livre através de uma palavra ou frase.

No que se refere aos questionários fechados, podem ser considerados desvantajosos, visto que poderão afetar a veracidade da informação e a fiabilidade dos dados recolhidos e na ajuda da resposta de um inquirido que não saiba o que responder a uma dada questão. Em concordância com o mencionado acima, Cohen et al. (2007), as questões do questionário fechado condicionam o inquirido que fica limitado a um conjunto de hipóteses na opção de resposta, no entanto, os questionários fechados são bastante objetivos e requerem um menor esforço por parte dos alunos aos quais são aplicados.

O terceiro tipo de questionário que pode ser aplicado, é o questionário misto que é composto por questões de resposta aberta e fechada.

ii. Entrevista

Segundo Aires (2011), a entrevista é uma técnica de recolha de dados, muito utilizada na investigação qualitativa, pois só é possível compreender e analisar os comportamentos, os valores, as atitudes e o ser humano de uma forma global, através desta técnica. Ribeiro (2008, in Júnior & Júnior, 2001), reforçam a ideia de Aires (2011), defendendo que a entrevista é uma técnica de recolha de dados muito utilizada quando o objetivo do investigador é conhecer o comportamento das pessoas, dos entrevistados. Já para os autores Bogdan e Biklen (1994), a entrevista é uma estratégia utilizada com o objetivo de recolher dados e permite ao investigador/entrevistador interpretar as ideias, opiniões e crenças do entrevistado.

No que concerne à estruturação da entrevista em si, esta pode ser semiestruturada, estruturada, não estruturada ou informal. Ao realizar-se uma entrevista semiestruturada, o entrevistador deve levar um guião com algumas perguntas, que irão estruturar o decorrer da entrevista. Além disso, o entrevistador coloca questões abertas de forma a deixar o entrevistado mais confortável, de forma a se expressar livremente. Neste tipo de entrevistas, o entrevistador não altera a ordem previamente organizada das perguntas, não manifesta a sua opinião, nem faz observações.

Quanto às entrevistas não estruturadas, não têm perguntas previamente estabelecidas, mas têm como função a recolha de dados. Realizada a partir da conversa que o entrevistador mantém com o entrevistado, este tipo de entrevista pode-se confundir com uma simples conversa entre duas pessoas, mas o entrevistador tem realmente um objetivo definido e assegura, de forma indireta ou implícita, um determinado fio condutor.

3.4. Apresentação, análise e discussão dos resultados

O objetivo da investigação neste momento é apresentar e discutir os dados recolhidos através das entrevistas, um dos instrumentos escolhidos para adquirir

informações. Com a análise dos dados, o investigador consegue compreender e clarificar determinados pontos relativos à investigação.

Segundo o autor Coutinho (2011), o mesmo refere que para se dar início às análises e ao tratamento de dados é indispensável ter-se em consideração determinados pontos:

- 1- Os dados devem estar organizados e descritos de forma simples para posteriormente se identificar o que é característico e não característico.
- 2- É importante trazer à luz padrões e/ou relações para, seguidamente, nos concentrarmos em encontrar explicações.
- 3- Após o tratamento, apresentação e análise dos dados recolhidos, será efetuada a discussão dos resultados obtidos de modo a debatê-los, bem como os indicadores e/ou evidências que por meio dos questionários e entrevistas realizados a educadores de infância, nos encaminhem às respostas das questões que levantaram, bem como conclusões.

Passemos de seguida aos detalhes que contextualizam os dados obtidos.

3.4.1. Apresentação e discussão dos resultados dos questionários aplicados aos educadores de infância

Através da apresentação e discussão dos resultados dos questionários aplicados aos educadores de infância, é possível obter indicadores/evidências que apresentem a ligação entre aquilo que está na teoria ou o que é assumido pelos inquiridos, como também corresponder aos objetivos da investigação. Afonso (2005) refere que a aplicação de um inquérito ajuda a “...converter a informação obtida dos inquiridos em dados pré-formatados, facilitando o acesso a um número elevado de sujeitos e a contextos diferenciados” (p.101).

Passamos à reflexão dos gráficos de análise do conteúdo dos questionários, salientando algumas unidades de registo e relacionando-as. O presente questionário foi elaborado com a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre a perceção do lúdico por parte do/a educador/a de infância. Esteve disponível para que os educadores, anonimamente, respondessem da forma que achavam mais correta. O questionário continha respostas de carácter aberto e fechado e, o seu formato pode designar-se como

um formato informal. Foi aplicado através da Internet, concretamente por meio das redes sociais . A amostra final inclui 306 respondentes, sem omissões a qualquer uma das respostas fechadas (obrigatórias), nem nas respostas abertas. Os dados mostram que, nesta amostra, estamos perante educadores de infância maioritariamente (97,4%) do sexo feminino. A presença de apenas 8 elementos do sexo masculino pode ser justificada com base em estudos, já realizados, que revelam esta ser uma profissão considerada maioritariamente feminina, nomeadamente ao nível da Educação Pré-Escolar.

Quanto à faixa etária 1,3% dos inquiridos têm entre 18 e 24 anos, 15,7% têm entre 25 e 34 anos, 30,1% têm entre os 35 e os 44 anos, 27,5% têm entre os 45 e os 54 e 27,5% tem acima de 55 anos. O facto de ter utilizado grupos de educadores de infância, como meio de recolha de respostas, pode justificar a maior prevalência destas faixas etárias.

Relativamente às habilitações literárias 2,9% dos educadores de infância tem o Bacharelato, 59,8% tem a Licenciatura, 9,5 respondeu ter Formação especializada/ Pós Graduação, 25,2% tem Mestrado e 1% tem doutoramentos. Os restantes 1,6% dos inquiridos tem como base: Curso Profissional de Técnico de Apoio à Infância; Animadora; Secundário e Mestrado e Pós Graduação. Assim podemos compreender que a maioria dos inquiridos têm como base de formação a licenciatura.

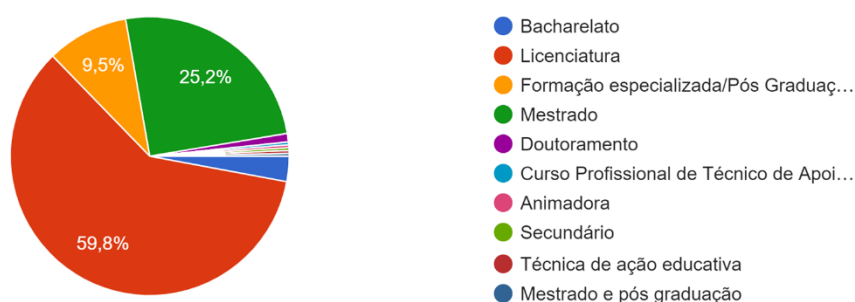


Figura 1- Habilitações literárias dos inquiridos

Na primeira parte do questionário - **O lúdico como potencializador do desenvolvimento da criança, bem como na aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar.**

A primeira afirmação estava relacionada com **opinião dos educadores de infância sobre o recurso a jogos e brincadeiras facilitavam a compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem**, 86,9% dos inquiridos responderam

que concordavam completamente, 11,8% responderam que concordavam, 1% respondeu que discordava e 0,3% respondeu que não tinha opinião.

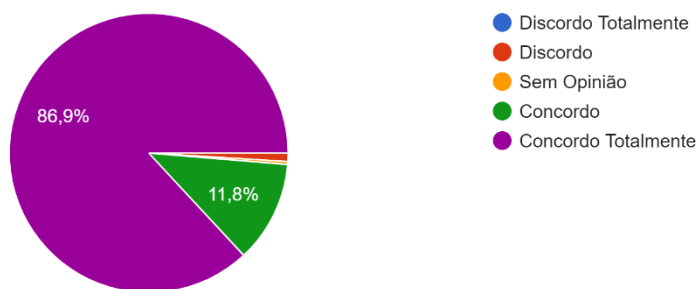


Figura 2- O recurso a jogos e brincadeiras facilitam a compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem

Relativamente à afirmação sobre **o lúdico ser uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância**, 80,4% dos educadores respondeu que concordavam totalmente com a declaração, 17,6% respondeu que concordava e os restantes 2% respondeu que entre sem opinião e discordo totalmente. Pode-se concluir que a grande maioria dos educadores de infância consideram que o recurso a jogos e brincadeiras facilitam a compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem.

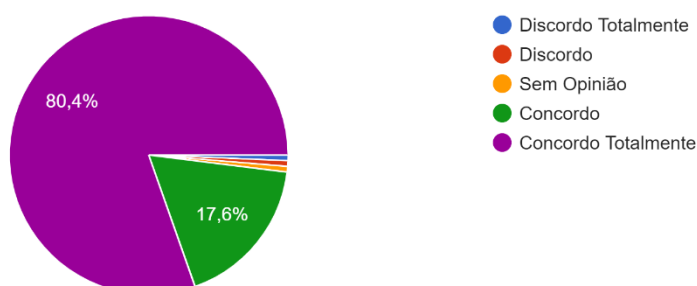


Figura 3- O lúdico é uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância.

No mesmo ponto de vista, a afirmação **“O lúdico é uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância”**, obteve resultados muito idênticos ao gráfico anterior. Assim, 81,4% dos inquiridos respondeu que concordava totalmente, 16,7% respondeu que concordava, 1,3 discorda desta afirmação e 0,7% respondeu que discordava totalmente.

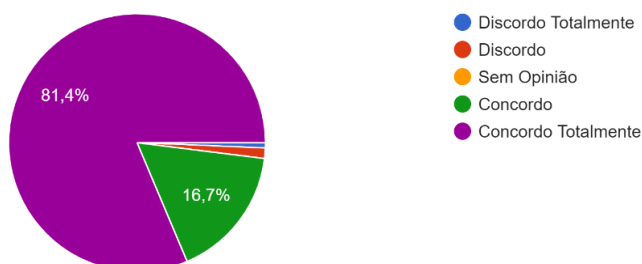


Figura 4- As atividades realizadas através de jogos e brincadeiras são mais apelativas para as crianças.

Quanto à afirmação sobre **a existência de dificuldades por parte dos educadores de infância na aplicação do lúdico na realização das atividades, por o mesmo não ser prática corrente no dia-a-dia**, 39,5% dos educadores de infância respondeu que concordava, 32% discorda da afirmação, 12,1% concorda totalmente, 10,8% discorda totalmente e 5,6% não têm uma opinião sobre o tema.

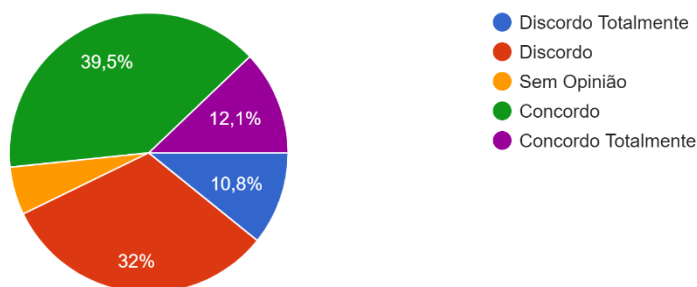


Figura 5- Por vezes, existem dificuldades por parte dos educadores em aplicar o lúdico na realização das atividades, por o mesmo não ser prática corrente no dia-a-dia.

Na segunda parte do questionário - **A desconstrução do jogo e do lúdico em contexto de Educação Pré-Escolar**, a primeira questão estava relacionada com a **regularidade que são aplicadas atividades lúdicas com o grupo**. Podemos afirmar que apresenta alguns valores diferentes dos que temos analisado. Assim, a maioria, 80,1% dos inquiridos respondeu que era diariamente, 17% respondeu semanalmente, 1,6% respondeu que aplicava uma por período e 1,3% respondeu mensalmente. Podemos compreender que muitos dos inquiridos consideram que existe uma maior dificuldade na aplicação do lúdico pelo mesmo não ser prática corrente na prática de alguns educadores de infância.

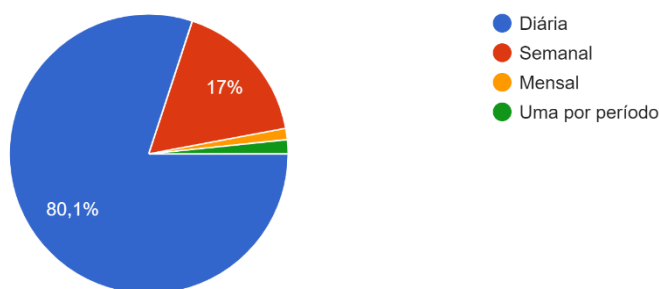


Figura 6- Com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?

Relativamente à questão **“Costuma utilizar como recurso de aprendizagem o jogo?”** e 89,5% dos educadores de infância responderam que sim, 8,8% respondeu por vezes e os restantes 1,6% respondeu que não.

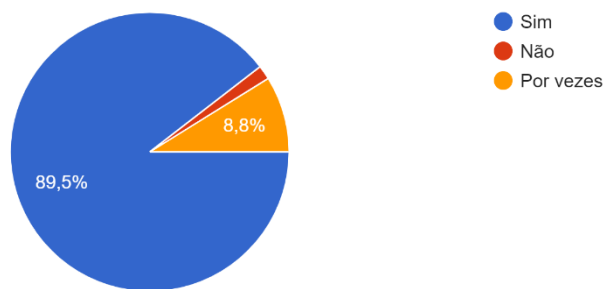


Figura 7- Costuma utilizar como recurso de aprendizagem o jogo?

Quanto à pergunta relacionada com **a importância atribuída ao desenvolvimento da imitação, da representação e da simulação no decorrer da sua prática**, 62,4% dos inquiridos respondeu ser muito importante, 34% respondeu importante, 2% referiu não ser nada importante e os restantes 1,6% respondeu ser indiferente e pouco importante.

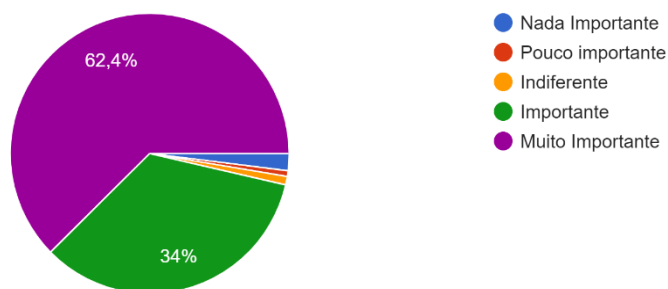


Figura 8- Enquanto educador/a de infância, que importância atribui ao desenvolvimento da imitação, da representação e da simulação no decorrer da sua prática?

Relativamente à questão sobre **o desenvolvimento de dinâmicas de jogos em grupos e ou individuais**, 88,6% dos educadores de infância costuma desenvolver dinâmicas de jogos em grupo e individuais, 10,5% optar por dinâmicas de jogos em grupo e 1% desenvolve dinâmicas de jogos individuais.

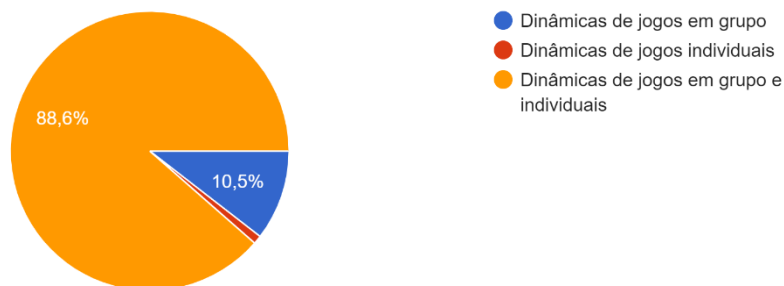


Figura 9- Costuma desenvolver dinâmicas de jogos em grupos e ou individuais?

Quanto à pergunta sobre se **é dado espaço e oportunidade para as crianças criarem os seus próprios jogos**, 95,4% dos inquiridos respondeu que sim, 2,9%

respondeu que não e os restantes responderam entre nunca aconteceu essa hipótese e dependendo da idade.

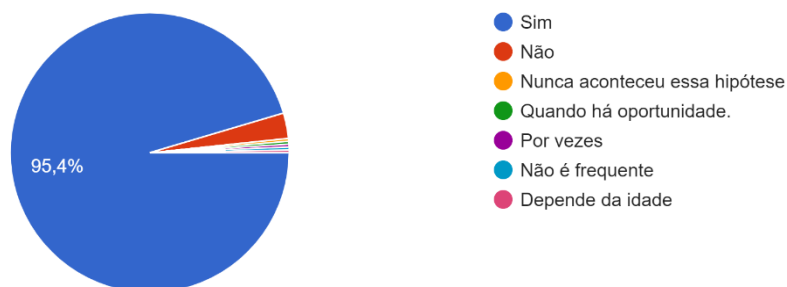


Figura 10- É dado espaço e oportunidade para as crianças criarem os seus próprios jogos?

Na terceira parte do questionário - **feedback que os educadores de infância têm por parte das crianças face a uma aprendizagem desenvolvida com base no jogo e no brincar**, a primeira questão estava relacionada tendo como base a experiência do educador de infância, qual é o interesse das crianças quando o jogo e o brincar é utilizado como estratégia nas atividades e 97,7% dos educadores de infância responderam muito, 2% pouco e 0,3% respondeu nada.

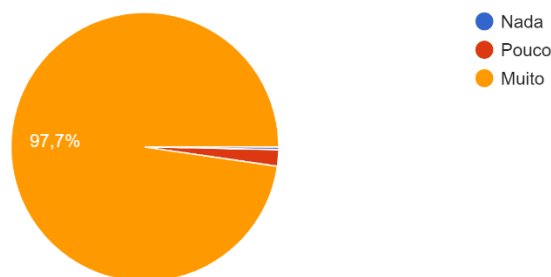


Figura 11- Tendo em conta a sua experiência, qual o interesse das crianças quando o jogo e o brincar é utilizado como estratégias nas atividades?

Solicitados os educadores de infância para assinalarem **De acordo com os vários domínios estabelecidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), os domínios em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia**. Assim, na Área da Formação Pessoal e Social 280 educadores de infância responderam muito, 23 pouco e 3 nada; no Domínio da Educação Física 291 responderam muito e 14 responderam pouco; no que concerne ao Domínio da Educação Artística 268 inquiridos responderam muito, 34 responderam pouco e 4 responderam nada; no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita 284 educadores de infância responderam muito, 18 responderam pouco e 4 responderam nada; no Domínio da Matemática 288 responderam muito, 15 responderam pouco e 3 responderam nada; relativamente à área do Conhecimento do

Mundo 285 educadores de infância responderam muito, 18 responderam pouco e 3 responderam nada.

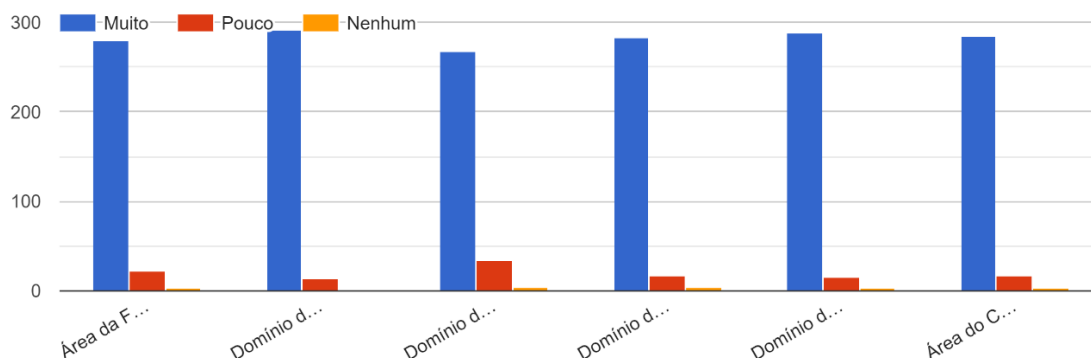


Figura 12- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas OCEPE, assinale segundo a escala estabelecida aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia

Relativamente à questão “**No decorrer das atividades, as crianças respeitam as regras/indicações associadas?**”, 76,1% dos educadores de infância responderam muitas vezes, 17,3% respondeu algumas vezes, 4,6% respondeu sempre, 1,3% respondeu nunca e 0,7 respondeu raramente.

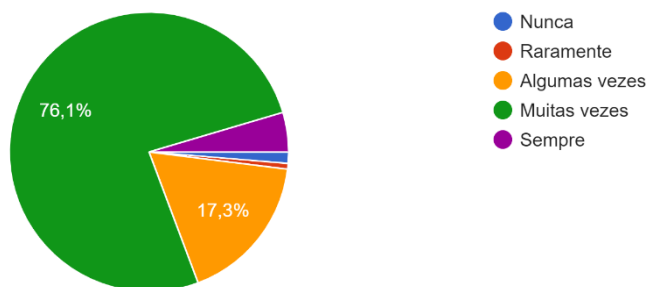


Figura 13- No decorrer das atividades, as crianças respeitam as regras/indicações associadas?

Quanto à pergunta sobre **os tipos de comportamento observados pelos educadores de infância enquanto as crianças estão envolvidas numa situação de jogo**, 76,8% selecionou a opção de empatia, 61,1% selecionou respeito, 26,5% observa impaciência, 3,9% nota indisciplina nas crianças, 2% desrespeito e 0,3 respondeu nenhum.

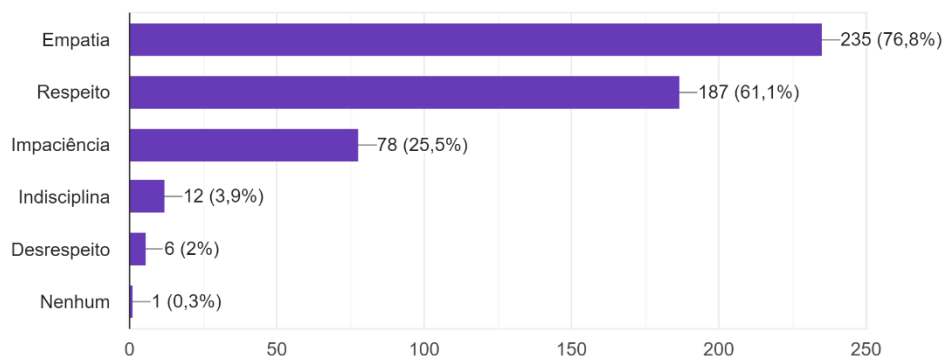


Figura 14- Que tipo de comportamento observa nas crianças quando estas estão envolvidas numa situação de jogo?

Quando solicitada a **opinião do educador sobre outros colegas de profissão sobre a planificação das atividades tem como base um uso consciente e aposta no jogo no brincar com o objetivo de desenvolver diferentes áreas, nomeadamente a coordenação motora, desenvolvimento social ou interpessoal, emocional, cognitivo**, 87,2% concorda ser necessário, ao passo que somente 5,3% afirma que não, restando 7,6% referentes aos que não têm opinião.

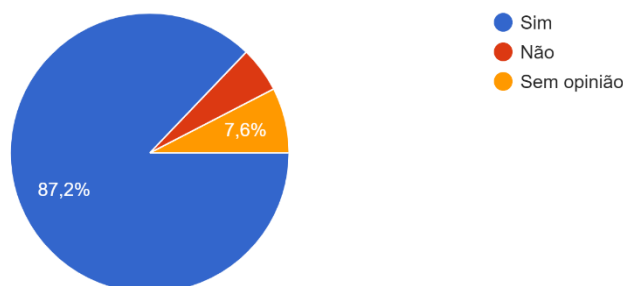


Figura 15- Considera que o educador ao planificar as atividades faz um uso consciente e aposta no jogo e no brincar com o objetivo de desenvolver diferentes áreas, nomeadamente a coordenação motora, desenvolvimento social ou interpessoal, emocional, cognitivo.

Tendo como base os vários domínios estabelecidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), foi solicitado que os educadores de infância assinalassem segundo a escala estabelecida aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia. Assim, ao nível da criatividade 276 inquiridos responderam muito, 28 responderam pouco e 2 responderam nada; ao nível da curiosidade 297 educadores responderam muito e 9 responderam pouco; no espírito crítico 214 responderam muito, 85 inquiridos responderam pouco e 7 responderam nada; ao nível da capacidade de comunicar com os outros, 290 educadores de infância responderam muito, 12 responderam pouco e 4 responderam nada; ao nível da capacidade de saber ouvir e interpretar situações 252 responderam muito, 49 responderam pouco e 5 respondeu

nada; na capacidade de manipular 267 inquiridos respondeu muito, 36 respondeu pouco e 3 responderam nada.

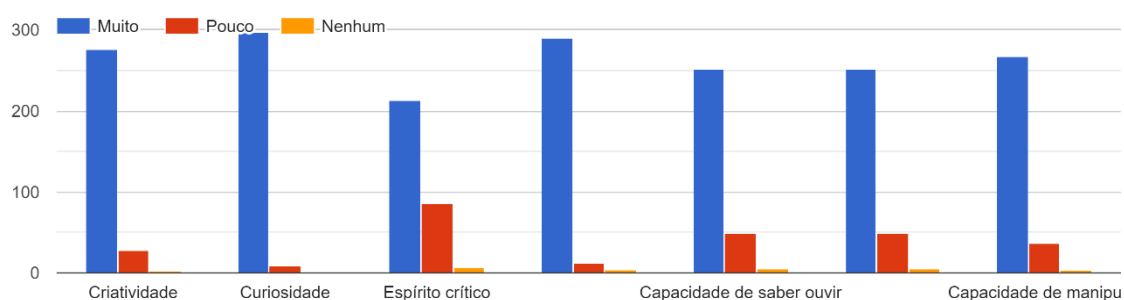


Figura 16- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas OCEPE, assinale segundo a escala estabelecida, aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia.

Procedendo à reflexão/análise do conteúdo do questionário, destacando algumas unidades de registo e relacionando-as, é possível observar que na primeira parte do questionário a maioria dos inquiridos são a favor dos jogos e brincadeiras como meio facilitador e potencializador da compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem, pois, como efetiva Vygotsky as brincadeiras são experiências fundamentais no desenvolvimento infantil. Segundo o autor, a imaginação “ representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais” (Vygotsky, 2007, p.109).

Os inquiridos realçam, também, que o lúdico é uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância, facto que vai na lógica do defendido por Pessanha (2001, p.97): “será dever do educador encarar as suas opções pedagógicas numa atitude aberta e flexível, tentando conciliar o processo educativo com as dinâmicas sociais e históricas da sociedade em que se insere.” Assim, é imprescindível que os educador esteja recetivo à mudança e à necessidade de adequar as suas práticas a diferentes públicos e contextos e também a reinventar-se, contactando com as experiências dos seus pares, bibliografia validada cientificamente.

Na segunda parte do questionário, os inquiridos responderam também , na sua maioria, que o recurso ao jogo é uma prática recorrente no dia-a-dia da sala de pré-escolar. Enquanto jogam, as crianças têm a oportunidade de realizar diversas atividades que lhe proporcionem prazer e aprendizagem. . O autor Marchão (2012) afirma que os jogo simbólico “... permite situações de aprendizagem diversificadas, mas centradas

nos Interesses dos Indivíduos e dos seus ambientes próximos, através de atividades de Investigação, actividades de construção e de actividades de jogo dramático. Tais actividades requerem espaços construídos e geridos em função de situações de pesquisa, construção de recursos e materiais, bem como espaços de jogo simbólico/dramático” (p.83). Mas, para realizar essas atividades, as crianças necessitam de espaços que permitam situações de pesquisa, de construção de recursos e de materiais, como também, espaços que permitam jogos simbólicos

No que concerne à terceira parte do questionário, relacionado com o *feedback* que os educadores de infância têm por parte das crianças face a uma aprendizagem desenvolvida com base no lúdico, Oliveira (1985), Salomão e Martini (2007, p.2), afirmam que o uso de situações lúdicas em sala de aula é “um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a sociabilidade, sendo, portanto reconhecidos como uma das atividades mais significativa – senão a mais significativa – pelo seu conteúdo pedagógico social.” De modo análogo, também Friedmann (1996) observa os jogos lúdicos como um meio de cooperação e interação entre crianças que, para além de promoverem a convivência, estimulam o raciocínio, que se traduzirá em aprendizagem significativa e na consequente motivação do aluno.

Assim segundo Pinto e Tavares (2010), as atividades lúdicas podem ser utilizadas no processo de ensino-aprendizagem. Posto isto, o jogo constitui, na perspetiva de Valentim (2002), citado por Costa (2014, p.97), um “instrumento pedagógico”, pois ajuda a criança na construção de novas ideias, desenvolvendo a personalidade, sendo por isso uma necessidade e uma presença indiscutível nas salas de aula.

3.4.2. Apresentação e discussão dos resultados das entrevistas aplicadas aos educadores de infância

A análise de conteúdo das entrevistas forneceu-nos resultados que possibilitaram conclusões, no que concerne aos objetivos previamente definidos. Para a análise dos dados obtidos foi elaborado um quadro-síntese, onde estão apresentadas as respostas, de cada educador de infância, às questões da entrevista, somente o essencial.

Apresenta-se, de seguida, a caracterização dos entrevistados.

1. Dados identificativos

Esta primeira categoria tinha como objetivo recolher informações sobre os entrevistados, no que concerne à idade, habilitações literárias e os anos de serviço.

Assim, podemos mencionar que ao nível das habilitações académicas e do tempo de serviço, o E1 é formado em “bacharel em educadores de infância, 14 anos de serviços dos quais dois como diretora de um centro de estudos.” O E2 é “*Licenciada em Educação e 13 anos de tempo de serviço.*” Quanto ao E3, o mesmo refere que possui uma “*Licenciatura em Educação e 24 anos de tempo de serviço.*” Relativamente ao E4 possui um “*Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar; 5 anos de serviço*” O E5 afirmou que detém uma “*Licenciatura em Educação de Infância; Especialização em Educação Especial; Formador acreditado pelo conselho científico-pedagógico da Formação contínua e 13 anos de tempo de serviço.*” O E6 é “*Licenciada em Educação Básica; Mestrado em Pré e 1º Ciclo; Pós Graduação em Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor, 5 anos de tempo de serviço.*” Quanto ao E7, o mesmo afirmou que tem como base de formação uma “*Licenciatura em Educação de infância, último ano antes de Bolonha, Mestrado em Ciências da Educação na vertente de Educação Especial, 11 anos de tempo de serviço.*” Relativamente ao E8, tem a “*Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar; 1 ano e 10 meses de tempo de serviço.*” O E9 tem , “*Licenciatura em Educação Pré-Escolar e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, 7 anos de tempo de serviço.*” e o E10 tem como base de formação uma “*Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar, 3 anos de tempo de serviço.*”

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança

Esta categoria baseia-se, sobretudo na perceção que os educadores de infância têm sobre o lúdico, como forma de potencializar o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. Esta categoria engloba as subcategorias: definição da palavra lúdico, importância atribuída ao lúdico no decorrer da prática do educador de infância, o contexto e a regularidade com que são aplicadas atividades lúdicas com o grupo.

Subcategoria 2.1. – Como define a palavra lúdico?

Na presente subcategoria foi possível verificar que todos os educadores de infância se referem ao lúdico como algo que *“engloba tudo aquilo que seja uma fonte de motivação e um motor de arranque para uma aprendizagem de forma espontânea e prazerosa.”* (E2), como forma de complemento, a E5 *“Olhar para o lúdico é refletir na forma como podemos chegar às crianças de um modo simples, motivado e interessado.”*. Também a E10 vai ao encontro da colega afirmando que o lúdico *“É toda aquela atividade, aquele jogo ou aquela brincadeira que nós utilizamos de uma forma a poder gerar aprendizagem nas próprias crianças de uma forma prazerosa, de uma forma divertida, de uma forma que lhe chame a atenção, onde ela se envolva e participe de forma ativa.”*.

Deste modo, verifica-se que as opiniões dos entrevistados vão ao encontro das teorias do desenvolvimento defendidas, essencialmente, por Vygotsky, Piaget e Bruner, bem como por Silva et al. (2016), quando afirmam que o brincar é um meio privilegiado de desenvolvimento e, ao mesmo tempo, de aprendizagem das crianças.

Subcategoria 2.2. – No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?

Quanto à importância atribuída ao lúdico por parte dos educadores de infância no decorrer da prática profissional, todos os inquiridos demonstraram coerência nas suas respostas, apontando para uma grande importância pois como referiu a E7 *“Tento que o lúdico seja a base da minha prática. Acredito que é através do brincar, do jogo, que a criança tem a possibilidade de se desenvolver de uma forma integral.”* Em conformidade, a E9 atribui uma grande importância ao lúdico, afirma que *“é na faixa etária em que trabalho é das coisas mais importantes, ou seja, as crianças podem aprender e desenvolver muitas capacidades através da parte lúdica, através dos jogos, das histórias, de tudo o que nós fazemos mais direcionado para a brincadeira.”*

Todas as respostas dadas pelos entrevistados vão ao encontro do que Dallabona e Mendes (2004), afirmam que *“é de primordial importância a utilização das brincadeiras e dos jogos no processo pedagógico, pois os conteúdos podem ser ensinados por intermédio de atividades predominantemente lúdicas.”* (p. 107)

Subcategoria 2.3. – Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?

Em relação ao contexto e a regularidade com que são aplicadas atividades lúdicas com o grupo de crianças, todos os entrevistados, sem exceção, mencionaram que as aplicam diariamente e faz parte da rotina de sala, pois para além da interação constante que é essencial para o seu desenvolvimento, auxilia na percepção da própria criança e a chegar até ela através da brincadeira.

Assim, o caráter lúdico das atividades assume uma importância relevante, como meio potenciador do desenvolvimento e da aprendizagem, que é reconhecido por investigadores como Silva (2010), quando afirma: “O valor do lúdico é reconhecido como um instrumento dinâmico que potencia a aprendizagem, o crescimento, que permite à criança descobrir-se, compreender-se a si própria, aos outros e ao que a rodeia, integrando e acomodando experiências. (p.11)

3. Perspetivas sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança

A presente categoria baseia-se, sobretudo na forma como o lúdico é percecionado pelos educadores de infância como potenciador do desenvolvimento da criança. Esta categoria engloba as subcategorias: as estratégias utilizadas pelos educadores de infância como forma de estimular a participação do grupo, bem como a percepção de possíveis dificuldades, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades.

Subcategoria 3.1. – Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?

No que respeita à utilização de estratégias que podem ser utilizadas como meio de estimular a participação do grupo no desenvolvimento de atividades lúdicas a maioria dos entrevistados afirmam que “*Não é possível referir estratégias específicas.*” (E5) contudo existem alguns aspetos a serem trabalhados “*Deixar a criança experimentar e explorar.*” bem como “*Aproveitar as ideias das crianças, tudo o que nos trazem das suas vivências ou as suas curiosidades.*” E3. Seguindo a mesma linha de pensamento, a E7, “*Deixo sempre ao critério das crianças o que querem fazer*

perante uma atividade que apresento, por exemplo vamos trabalhar os conjuntos questiono-os se querem trabalhar dentro ou fora da sala, se querem levar os nossos materiais ou se querem utilizar os do recreio.”, por último e em concordância com a anterior, a E10 afirma ser de grande importância dar à criança *“uma voz ativa e participativa naquilo também que são as tomadas de decisão em sala”*.

Podemos concluir que todos os entrevistados defendem o caráter espontâneo e não orientado desenvolvendo estratégias que vão ao encontro do que alguns autores defendem, como Zabalza (1998) ou Cardona (1999), quando expõem que um ambiente devidamente organizado contribui para que a criança aprenda a brincar, visto que está intimamente ligado ao facto de esta perceber se é ou não capaz de o explorar e aprender através dele. Mais, referem que os diversos materiais devem estar ao alcance das crianças, para que os explorem de acordo com o seu interesse.

Subcategoria 3.2. – Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?

Quando questionados sobre a perceção que têm de outros colegas de profissão na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades, a maioria vai ao encontro do que a E3 afirma *“(…) Por parte de outros educadores, e da minha experiência profissional, sinto que nem sempre essa entrega é total e daí sim, possam surgir as tais “dificuldades” em aplicar, criar e preparar atividades em que o lúdico esteja presente.”*

Cabe ao educador observar a faixa etária do grupo e a compatibilidade das atividades que pretende desenvolver com as crianças, para que possa fazer uso da atividade lúdica que melhor se enquadrar com o seu grupo de crianças.

Segundo Kaam e Rubio (2013) *“a educação lúdica contribui para a formação da criança, possibilitando um enriquecimento pedagógico e de valores culturais, ensinando a respeitar as opiniões dos outros e ampliando o conhecimento”*. (p. 6)

É comum os educadores se depararem com dificuldades ao tentar fazer uma interligação com a metodologia habitual, no entanto, o emprego de atividades lúdicas promove a forma de ensinar e, por conseguinte, a obtenção da aprendizagem por parte da criança.

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:

Nesta categoria, pretendeu-se compreender qual a influência que as atividades lúdicas têm na aquisição de aprendizagens em contexto de educação pré-escolar. Esta categoria abrange subcategorias que permitiram compreender se o recurso a jogos livre e educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças e de que forma; se a utilização de processos lúdicos potencializa o desenvolvimento e a aprendizagem da criança e de que forma e quais são as competências adquiridas pelas crianças enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica. Seguem-se os resultados obtidos nestas subcategorias.

Subcategoria 4.1. – Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?

No que se refere à utilização de jogos livres e educativos como meio de auxiliar o processo de ensino-aprendizagem das crianças, a E2 concorda, afirma que *“o jogo, seja ele qual for, é uma ferramenta facilitadora da aprendizagem e estamos a falar dos jogos livres, jogos pedagógicos, seja o que for. O jogo por si só facilita muito a aprendizagem, porque reforça também a construção dos conhecimentos, da autonomia, entre muitas outras vantagens, que só têm o efeito da promoção da saúde e de melhorar a qualidade de vida”,* ou seja, *“O jogo sim, seja de que forma for, é uma ferramenta muito muito boa para a aprendizagem, sim.”* também a E4 salienta que os jogos são *“um dos melhores meios para a criança adquirir aprendizagens, pois ao estarem a brincar, ao estarem a fazer algo do seu interesse, as aprendizagens tornam-se muito mais significativas. (...) permitem a exploração de diversas competências em simultâneo, competências sociais, cognitivas, motoras, enfim, muitas mesmo.”*

Daqui pode-se concluir que as educadoras dão importância e articulam o jogo livre com o jogo educativo, indo assim ao encontro de alguns autores como Moyles (2002), quando afirma que *“é preciso haver o equilíbrio entre o brincar livre e o dirigido, pois ambos são necessários para o desenvolvimento da criança. O brincar livre promove a descoberta, a criatividade e a autonomia da criança; o brincar adequadamente dirigido pelo professor possibilita que a criança aprenda a partir do conhecimento que ela ainda não possui.”* (p. 37)

Subcategoria 4.2. – Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?

Ao serem questionados sobre a forma como os processos lúdicos potencializam o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, os educadores de infância entrevistados afirmam que *“Sem dúvida alguma. Eles envolvem-se muito mais em atividades lúdicas porque estas têm a capacidade de lhes proporcionar curiosidade, prazer e na minha opinião o lúdico é uma porta aberta que permite ao educador trabalhar todas as áreas, para além de estimular a memória, a linguagem a criatividade e tantas outras coisas que são importantes.”* (E6)

A forma como a criança aprende é um momento objetivo, de aprendizagem através da ação, e é este momento tao significativo que lhe fica memorizado para, ou seja, como refere Trindade (2002),

O acto de aprender terá de ser entendido, então, não como um acto de apropriação de saberes construídos por outros, mas como um momento de enriquecimento ou de transformação da rede de representações com que o aluno aborda ou constrói os significados acerca da realidade que o envolve. (p.47)

Subcategoria 4.3. – Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?

Relativamente às competências adquiridas pelas crianças enquanto brincam e/ ou durante a atividade lúdica, todos os entrevistados são unânimes em referir o respeito pelo amigo, o saber respeitar a sua vez, o serem mais humanos, saber perder, saber ganhar, como refere a E1, é de grande importância trabalhar a cooperação e a amizade entre crianças, por exemplo *“quando um amigo cai não nos devemos rir, eu sei que é normal, acontece sempre, mas eu coloco um ar sério e digo “mas vocês estão a rir-se? já perguntaram se o amigo se magoou em vez de se estarem a rir. Então, temos de ser amigos, receitarmo-nos. Agora foi o amigo, mas da próxima vez podem ser vocês.” Trabalho muito essa parte humana nas crianças.”*

Almeida (apud Rau 2007, p. 56) acredita que “o processo de construção do saber através do jogo como recurso pedagógico ocorre porque, ao participar da ação lúdica, a criança inicialmente estabelece metas, constrói estratégias, planeja, utilizando, assim, o

raciocínio e o pensamento”. Essa dinâmica é indispensável para que suceda, de facto, a aprendizagem.

Em conclusão e de uma forma geral, através da análise das entrevistas, é possível constatar o papel que o lúdico é percebido pelos educadores de infância como um grande potencializador do desenvolvimento da criança, bem como na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar.

Considerações Finais

Chegou o momento de uma reflexão de todo o trabalho desenvolvido até aqui bem como das aprendizagens realizadas no decorrer da Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, ambas duas experiências muito enriquecedoras, tanto a nível profissional como pessoal.

Sinto que a chegada a este patamar do meu percurso académico é uma vitória, bem como a elaboração do presente trabalho académico, o qual encarei como um documento essencial, traduzindo os saberes adquiridos e transmitidos, mas essencialmente o reflexo do meu maior objetivo, promover um ensino motivador, enriquecedor e significativo para o grupo com o qual estagiei.

Desde o primeiro dia de estágio que me senti muito à vontade nas salas, além de a minha relação com as orientadoras cooperantes ter decorrido sempre como “um trabalho de equipa”, bem como a relação com o grupo ter sido sempre de grande proximidade. Com a implementação dos Projetos de Intervenção, penso que consegui transmitir todos os meus saberes, ou seja, coloquei em prática tudo o que tenho vindo a aprender durante o meu percurso académico, mobilizando estes saberes teóricos e práticos, e organizei-os de forma a transmitir ótimas aprendizagens a este grupo de crianças.

Chegar a todas os alunos, ajudando os que apresentavam mais dificuldades, nem sempre foi fácil, porque cada criança é um ser único com características próprias. Sendo que se verifica alguma disparidade entre níveis de desenvolvimento entre os diferentes alunos que fazem parte da turma, torna-se importante que apoie, por vezes, as que apresentam mais dificuldades quer por serem menos desenvolvidas, quer por serem mais distraídas.

Tendo em conta as intervenções de estágio feitas durante o percurso académico, no decorrer do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo, posso constatar que foram efetivadas várias aprendizagens que ajudaram as crianças e que por de trás do sucesso do projeto, esteve sempre presente um princípio que impulsiona todo o processo de ensino-aprendizagem: a motivação.

Recorde-se que a motivação intrínseca, especificamente, segundo Arends (2008), ocorre “quando o comportamento tem origem interna, no interesse a curiosidade próprios da pessoa, ou na pura satisfação de uma experiência” (p. 138). No meu caso em

particular, esta motivação deveu-se ao facto de recorrer a atividades significativas, mas principalmente por partirem dos seus interesses, necessidades e vivências.

No decorrer do Projeto de Intervenção, foi possível observar as aprendizagens adquiridas pelos alunos, tendo salientado que as mesmas tiveram como base as estratégias adotadas por mim, e das respostas aos seus interesses. Com o culminar de uma experiência tão enriquecedora e de forma a fazer uma reflexão geral, considero que todo o meu desempenho e esforço foram valorizados. Uma experiência muito enriquecedora, com muitas aprendizagens, não só a nível profissional como também a nível pessoal. Um estágio que me trouxe uma maior responsabilidade, pois cada dia foi uma aventura, uma conquista, uma aprendizagem e um crescimento, vindo assim reforçar o meu desejo de abraçar a profissão.

No que se refere às conclusões do presente relatório final, focado nas potencialidades do lúdico em contexto de Educação Pré-Escolar, e respondendo de modo a ir ao encontro das questões que se colocaram no início desta investigação, com os dados recolhidos é possível concluir que a prática do lúdico como competência para a evolução íntegra da criança, bem como sua independência, capacidade de decisões e comportamento, o que se observou foi a utilização dos jogos e brincadeiras como instrumento pedagógico desde o ensino pré-escolar até ao 1º ciclo do ensino básico.

A razão pela qual me levou a escolher e a desenvolver a exploração e investigação deste tema no estágio que completei em Pré-Escolar, como já referi anteriormente. Atendendo a esta observação sobre a importância do lúdico na aprendizagem das crianças, procurei desenvolver um estudo que visava *identificar e refletir de que forma o lúdico pode potenciar o desenvolvimento da criança e a aquisição de aprendizagens na Educação Pré-Escolar.*

Podemos concluir que os educadores de infância priorizam o desenvolvimento de jogos educacionais e atividades lúdicas nomeadamente o Domínio da Matemática e a Área do Conhecimento do Mundo. Como mencionado por vários educadores de infância, as atividades lúdicas e os jogos educacionais potencializam os conhecimentos das crianças, visto ser uma forma diferente de aprender. Tendo em conta toda a investigação, estamos seguros quando dizemos que esta estratégia de ensino é um fator crucial na educação, em termos motivacionais, que possibilitam a aquisição de aprendizagens significativas.

No plano de criação dos recursos, a maioria dos educadores de infância adapta os materiais pré-existentes. Consideramos que quando a criança brinca pode ou não utilizar brinquedos. Os autores Ray-Kaeser et al. (2018) afirmam que quando a criança usa brinquedos, os mesmos vão aproximá-la à realidade em que vive, sendo mediadores entre a criança e o meio envolvente, são uma excelente ferramenta social, e de partilha. Estabelecem ainda uma ponte entre a realidade e a representação simbólica que a criança faz do mundo e, através dos mesmos a criança expressa sentimentos, preocupações e problemas. É mais importante a forma como o brinquedo é utilizado do que o brinquedo em si, não é preciso ser complexo, ter diversas funções ou utilidades, é sim fundamental que permita à criança brincar, socializar e aprender com o uso do mesmo, o que no caso de crianças com deficiência se torna ainda mais relevante (Woodroffe e Willatt, 1976).

A perceção dos docentes é a de que as atividades lúdicas são uma mais-valia no progresso das crianças, visto que potencializa o desenvolvimento da criança. Assim, podemos concluir que as atividades lúdicas potenciam as crianças através da motivação que lhes é dada, visto ser um modo de aprendizagem diferente e que passa pelo seu inconsciente.

Após toda a reflexão sobre a importância do lúdico na educação pré-escolar, refletindo sobre o enquadramento teórico dentro do tema escolhido para o presente relatório final, e considerando a investigação realizada, é fulcral reafirmar: a área do brincar, do jogo e do lúdico não deve, nem pode, ser desprezada por parte dos educadores de infância. Como já afirmado, anteriormente, deve sim ser considerada como uma área integradora e a ser explorada no futuro, uma vez que, esta se relaciona com o intuito de desenvolver nas crianças de hoje, adultos conscientes de amanhã, construindo atitudes e competências ligadas à cidadania, contribuindo para uma maior consciência de valores e atitudes indispensáveis à sociedade atual, tendo sempre como base de pensamento o desenvolvimento de cada criança, visto serem seres únicos, com os seus próprios interesses e potencialidades.

Cabe aos educadores de infância, por meio dos conhecimentos adquiridos acerca dos grupos que têm à sua responsabilidade, observar, registar, documentar, planear e avaliar de forma a elaborar a sua própria intencionalidade educativa, reunindo/criando/implementando as suas próprias estratégias, ferramentas e recursos, indo ao encontro das necessidades observadas em contexto educativo.

Referências Bibliográficas

A

Afonso, N. (2005). *Investigação Naturalista em Educação - Um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill: Lisboa.

B

Bell, J. (2004). *Como Realizar um Projeto de Investigação*. Lisboa: Gradiva.

Bogdan, B., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.

C

Cardona, M. (1992). *A organização do espaço e do tempo na sala de jardim-de-infância*. Cadernos de Educação de Infância.

Cardona, M. (2007). *A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio*. Cadernos de Educação de Infância.

Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2007). *Research Methods in Education* (6th Ed.). London: Routledge. Creswell, J. & Miller, D. (2000). *Determining Validity in Qualitative Inquiry*. *Theory Into Practice*, 3 (39), 124-130

Coutinho, C. P. (2011). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Cury, A. (2004) *Pais Brilhantes, Professores Fascinantes, Pergaminho- Como formar jovens felizes e inteligentes*, p.74 Disponível em <http://dialogostextuais.blogs.sapo.pt/3555.html> consultado em 12/6/2016

D

Dias, E. (2013). *A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil*. *Revista Educação e Linguagem*.7 (1). 2-15. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologiaescolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-nodesenvolvimento-da-infancia>

F

Formosinho, J., & Machado, J. (2009). *Equipas Educativas- Para uma nova organização da escola*. Porto: Porto Editora.

Ferland, F. (2006). *Vamos Brincar? - Na infância e ao longo de toda a vida*. Climepsi Editores.

Folque, M. A. (1999). *A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar*. *Revista Escola Moderna* 5, 5-12

Friedmann, A. (1996). *Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil*. Moderna.

Fortin, M. F. (1999) “*O Processo de Investigação: Da Concepção à Realização*”. Lusociência. ISBN 972-8383-10-X.

G

Garvey, C. (1979). *Brincar*. Moraes Editores.

H

Hohmann, Mary & Weikart, David P. (2004), *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Hohmann, M. & Weikart, D. P. (2007). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian. (4ª edição).

Hoz, A. (1985). *Investigacion Educativa: Dicionário Ciências da Educação*, Madrid: Ediciones Anaya, S.A

K

Kishimoto (2010). *Brinquedos e Brincadeiras na Educação de Infância*. Seminário Nacional: Currículo em Movimento - Perspetivas atuais Belo Horizonte.

Leite, E., Malpique, M. & Santos, M. (2001). *Trabalho de projecto 1: Aprender por projectos*. (4ª ed.) Porto: Edições Afrontamento.

L

Lincoln, Y. & Guba, E. (2006) Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes, In Denzin, N., Lincoln, Y. & COL., (2006). O planeamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens. São Paulo: Ed. Artmed, pp.169-192.

M

Madeira, A. (1995). *A importância do diagnóstico da situação na elaboração do projecto educativo de escola*. In: Inovação. Nº8 , pp.167-190.

Marchão, A. (2012). No jardim de Infância e na escola de 1.º ciclo de Ensino Básico. Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico. Lisboa: Edições Colibri

Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro C. & Delgado, A. (2014). Crianças, Brincar, Cultura da Infância e cultura lúdica: uma análise dos estudos da infância. Brasil: Saber & Educar.

N

Nascimento, Jhonnys Ferreira; Nascimento, Débora Maria. Descendo à Toca do Coelho: fatores sociais, profissão docente e o mal estar dos professores. In: Semana de estudos, teorias e práticas educativas, 4., 2013. Pau dos Ferros. Anais. Pau dos Ferros: SETEPE, 2013.

Neto, C. (1998). *O desenvolvimento da criança e a perspectiva ecológica do jogo*. In R. Krebs, F. Copetti & T. Beltram (Eds.). *Discutindo o Desenvolvimento Infantil* (pp. 161- 164). Santa Maria - Brasil, SIEC - Santa Maria.

Neto, C. (2001). *Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de actividade física*. In G. Guedes (Ed.). *Aprendizagem Motora: problemas e contextos*. Edições FMH.

Neto, C. (2003). *Jogo & Desenvolvimento da criança*. Faculdade de Motricidade humana, Serviço de Edições.

Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças – A urgência de brincar e ser ativo*, Contraponto Editores.

Niza, S. (1996). *O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa*. In: Formosinho, J. (coord) (2007). *Modelos Curriculares para a*

Educação de Infância (pp. 123-140). Porto Editora

Nóvoa, A. (Org.) (1992). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

P

Penteado, J. A. (1979). *Didática e Prática de Ensino*. McGRAW-HILL.

Peterson, R. & Collins, V.F (1986). *Manual de Piaget para Professores e Pais*. (pp.15-95). Lisboa: Horizontes Pedagógicos

Peterson, R. & Collins, V. F. (1997). *Manual de Piaget para Professores e Pais*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos.

Pinto, C. L. & Tavares, H. M. (2010). *O lúdico na aprendizagem: Aprender e Aprender*. *Revista da Católica*, 2(3), 226-235. Acedido a 7/11/2020. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv2n3/15pedagogia.pdf>.

Pires, L. (2013). *Uma pequena grande viagem – Relatório de Estágio Profissional*. (Dissertação de Mestrado). Disponível no RCAAP. Acedido a 26 de dezembro de 2021. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.show_file?pi_gdoc_id=3480.

R

Rodrigues, P. S. (2012). *A Organização das escolas de educação infantil: conceção de infância e intencionalidade educativa*.

Rolim, A. M., Guerra, S. F., & Tassigny, M. M. (julho/dezembro de 2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Revista Humanidades*, pp. 176-180.

S

Santos, S. M. (2002). *O lúdico na formação do educador* (9.^a ed.). Editora Vozes

Salomão, H. A. S. & Martini, M. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. *Psicologia.pt – O Portal dos Psicólogos*. Acedido a 03/03/2020. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>.

Serrão, E. (2009). *O Educador de Infância e o Jogo no Desenvolvimento da Criança*.
Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências.

Silva, I. Marques, L. Mata, L. Rosa, M. (2016) *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa. Ministério da Educação/DGE

Smith, P. (2006). O brincar e os usos do brincar. In Moyles, J. A excelência do brincar, Cap. 1, Pp. 25-38. Artmed editora. Porto Alegre.

Serrão, E. (2009). *O Educador de Infância e o Jogo no Desenvolvimento da Criança*.
Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências.

Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte.

T

Trindade, R. Cosme, A. (2010). *Educar e Aprender na Escola*. Vila Nova de Gaia.
Fundação Manuel Leão

U

Unicef. (1990). A Convenção sobre os Direitos da Criança. Adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.

V

Vasconcelos, T. M. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande: A prática educativa de Ana*.
Porto Editora.

Vygotsky, L.S. (2007). *A formação social da mente*. 7, ed. São Paulo: Martins Forte,
Editora LTDA

Z

Zabalza, M.; *Planificação e Desenvolvimento Curricular na Escola*; 2ª Edição; Edições ASA; 1994; ISBN: 972-41-0933-X;

W

Wilson, N. & McLean, S. (1994) *Questionnaire Design: A Practical Introduction*.
Newtown Abbey, Co. Antrim: University of Ulster Press.

Legislação

Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro. Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Diário da República- I Série-A, nº 34, pp. 670- 673.

Apêndices

Apêndice A – Entrevista

A presente entrevista enquadra-se numa investigação no âmbito do relatório final do último ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado na ESE Jean Piaget de Almada.

A entrevista tem como finalidade compreender de que forma o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança, bem como na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar.

As respostas adquiridas serão utilizadas apenas para fins académicos. Caso seja do interesse do/a entrevistado/a, o mesmo pode ter acesso ao resultado da entrevista.

Grata pela sua disponibilidade e colaboração.

Guião de entrevista (Semiestruturada) aplicado a Educadores(as) de Infância

Bloco	Designação dos blocos	Objetivos	Formulário de questões
Bloco 1	Legitimação da entrevista	<ul style="list-style-type: none">- Motivar o entrevistado;- Esclarecer sobre os fundamentos e objetivos da entrevista;- Solicitar autorização para o registo áudio da entrevista.- Garantir a confidencialidade anonimato;	
Bloco 2	Dados identificativos do entrevistado	<ul style="list-style-type: none">- Conhecer o entrevistado;	<ul style="list-style-type: none">- Sexo;- Faixa Etária;- Habilitações Literárias (Bacharelato, Licenciatura, Formação Especializada/Pós Graduação, Mestrado, Doutoramento, Outra);- Tempo de serviço;
Bloco 3	Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como	<ul style="list-style-type: none">- Saber qual a conceção do lúdico para o entrevistado;- Perceber a importância atribuída	<ul style="list-style-type: none">- Como define a palavra lúdico?- No decorrer da sua prática profissional,

	potenciador do desenvolvimento da criança	ao lúdico no decorrer da prática profissional da entrevistado;	que importância atribui ao lúdico? - Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?
	Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico	- Identificar quais são as principais estratégias de forma a estimular a participação das crianças; - Compreender as dificuldades sentidas pelos educadores de infância relativamente à implementação de atividades lúdicas;	- Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas? - Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?
	Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar	- Perceber a valorização atribuída ao lúdico, como forma de potencializar o desenvolvimento das crianças; - Conhecer as competências sociais adquiridas pelas crianças enquanto jogam ou se envolvem numa atividade lúdica; - Saber quais os aspetos mais valorizados no desenvolvimento de atividades lúdicas;	- Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma? - Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido? - Enquanto jogam e/ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais

			adquiridas pelas crianças?
	Agradecimentos	<ul style="list-style-type: none"> - Questionar o entrevistado se tem algo a adicionar ou se gostaria de evidenciar algum aspeto que não foi mencionado nas questões; - Agradecer a disponibilidade 	

Apêndice B - Questionário

O presente questionário surge no contexto do 2º ano de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado na Escola Superior Jean Piaget de Almada, visando aprofundar o conhecimento sobre a perceção do lúdico por parte do/a educador/a de infância.

A sua participação ajudará na investigação relativa a como o lúdico pode potenciar o desenvolvimento da criança, bem como na sua aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar.

A sua opinião é extremamente importante e ajudará a tirar várias conclusões.

O preenchimento do questionário dura menos de 10 minutos e as informações fornecidas serão mantidas no anonimato, respeitando todas as normas do regulamento geral de proteção de dados.

Estrutura do questionário aplicado a Educadores(as) de Infância

Tema/ Dimensão	Formulário de questões	Tipo
Caraterização do educador de infância	1.Sexo; 2.Faixa Etária; 3. Habilitações Literárias (Bacharelato, Licenciatura, Formação Especializada/Pós Graduação, Mestrado, Doutoramento, Outra); 4. Tempo de serviço;	Escala dicotómica: F/M Fechada – intervalo Fechada: opcional (6) Aberta
O lúdico como potencializador do desenvolvimento da criança, bem como na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar.	- O recurso a jogos e brincadeiras facilitam a compreensão das crianças no processo de ensino-aprendizagem. - O lúdico é uma mais-valia para enriquecer a prática do educador de infância. - A utilização de processos lúdicos potencializa o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. - As atividades realizadas através de jogos e brincadeiras são mais apelativas para as crianças. - Por vezes, existem dificuldade por parte dos educadores em aplicar o lúdico na realização das atividades, por o mesmo não ser prática corrente nas suas atividades.	Escala dicotómica: DT; D; SO; C; CT Escala dicotómica: DT; D; SO; C; CT Escala dicotómica: DT; D; SO; C; CT Escala dicotómica: DT; D; SO; C; CT Escala dicotómica: DT; D; SO; C; CT
A desconstrução do jogo e do lúdico em contexto de Educação Pré-Escolar.	- Com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo? - Costuma utilizar como recurso de aprendizagem o jogo? - Enquanto educador de infância, que importância atribuiu ao desenvolvimento	Escala dicotómica: DI; SM; M; UPP Escala dicotómica: S; N; PV Escala dicotómica: NI; PI; IN; IM; MI

	<p>da imitação, da representação e da simulação no decorrer da sua prática?</p> <p>- Costuma desenvolver dinâmicas de jogos em grupos e ou individuais?</p> <p>- É dado espaço e oportunidade para as crianças criarem os seus próprios jogos?</p>	<p>Escala dicotômica: DJG; DJI; DJGI; Aberta</p> <p>Escala dicotômica: S; N; Aberta</p>
<p>Feedback que os educadores de infância têm por parte das crianças face a uma aprendizagem desenvolvida com base no jogo e no brincar</p>	<p>- Tendo em conta a sua experiência, qual o interesse das crianças quando o jogo e o brincar é utilizado como estratégia nas atividades?</p> <p>- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas OCEPE, assinale segundo a escala estabelecida aquelas em crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia.</p> <p>- No decorrer das atividades, as crianças respeitam as regras/indicações associadas?</p> <p>- Que tipo de comportamento observa nas crianças quando estas estão envolvidas numa situação de jogo?</p> <p>- Considera que o educador ao planificar as atividades faz um uso consciente e aposta no jogo e no brincar com o objetivo de desenvolver as diferentes áreas, nomeadamente a coordenação motora, desenvolvimento social ou interpessoal, emocional, cognitivo?</p> <p>- De acordo com os vários domínios estabelecidos nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), assinale segundo a escala estabelecida aquelas em que as crianças revelam maior interesse quando se utiliza o jogo como estratégia.</p>	<p>Escala dicotômica: ND; PC; MT</p> <p>Escala dicotômica: MT; PC; ND</p> <p>Escala dicotômica: NC; R; AV; MV; SP</p> <p>Fechada: opcional (6)</p> <p>Escala dicotômica: S; N; SO</p> <p>Escala dicotômica: MT; PC; ND</p>

Legenda: DT – Discordo Totalmente; D – Discordo; SO – Sem opinião; C – Concordo; CT – Concordo Totalmente; DI – Diária; SM – Semanal; M – Mensal; UPP – Uma vez Por Período; S – Sim; N – Não; PV – Por Vezes; NI – Nada Importante; PI – Pouco Importante; IN – Indiferente; IM – Importante; MI – Muito Importante; DJG – Dinâmicas de Jogos em Grupos; DJI – Dinâmicas de Jogos Individuais; DJGI – Dinâmicas de Jogos em Grupo e Individuais; ND – Nada; PC – Pouco; MT – Muito; NC – Nunca; R – Raramente; AV – Algumas Vezes; MV – Muitas vezes; SP – Sempre

Apêndice C – Análise do conteúdo da entrevista

Educatória 1

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	Feminino, 36 anos, bacharel em educadores de infância, 14 anos de serviços dos quais dois como diretora de um centro de estudos.
2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<p><i>“Eu acho que o principal sinónimo que nós podemos dar à palavra lúdico, é mesmo a criança. Porque a criança é a brincadeira, é a criatividade, é o jogo, é o sorriso, é o brincar, é o divertimento.”</i></p> <p><i>“O que quer a criança? Quer o lúdico, ela quer brincar, ela quer jogar, ela quer saltar, percebe?”</i></p> <p><i>“E para ser uma atividade de sucesso, para uma criança tem de ter dança, tem de ter jogo, tem de ter riso. Isto é o significado de lúdico para mim e na minha perspetiva.”</i></p>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<p><i>“Bom, para mim eu não sei fazer as coisas realmente de outra forma sem fazer o lúdico, o meu método é João de Deus e eu desde sempre senti muito a falta do lúdico no nosso método.”</i></p> <p><i>“(…) enquanto educadora, sempre me tentei pôr no lugar da criança e pensar “como é que gostaria? como é que seria mais divertido? Como é que eu me lembro quando era pequenina? “quais eram as coisas que eu gostava?” vou muito às minhas recordações.”</i></p> <p><i>“enquanto educadora eu invento sempre uma música sobre qualquer tema, porque eu considero que as crianças dessa forma, porque para mim o lúdico não é só o jogo, também pode ser uns fantoches, também pode ser uma canção, também pode ser uma dança (...)”</i></p> <p><i>“Eu em todas as atividades a que eu me predispunha eu inventava sempre um jogo, uma música, uma dança e dessa forma eu sinto que as crianças aprendem muito mais felizes porque muitas das vezes elas nem se apercebem que estão a aprender, se for de forma divertida, de for de forma lúdica e eu acho que isso é uma mais-valia sempre que o educador pega na parte lúdica.”</i></p>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<p><i>Eu basicamente aplico a toda a hora. Para começar eu começo sempre as minhas atividades a cantar</i></p> <p><i>Se eu ia ter de fazer uma atividade de matemática, com certeza eu ia fazer uma música para cantar com os meninos, depois a seguir utilizávamos material de matemática, em que</i></p>

	<p><i>dentro da parte lúdica do jogo ensinava os conteúdos que tinha para transmitir e terminava com um jogo dentro do jogo, por exemplo se fosse blocos lógicos fazia no fim o jogo do quente e do frio, eu inventava sempre.”</i></p> <p><i>“Isto para lhe dizer que em todos os momentos do meu dia, eu faço tudo em lúdico. Eu vou no comboio e vou a cantar músicas, vou a fazer gestos ou vou fazer um jogo. Antes de começarmos uma refeição nós tínhamos uma música e eles adoravam e comiam a sopa super rápido.”</i></p> <p><i>“Em todos os momentos está lá o lúdico e eu considero que eles são muito mais felizes e aprendem realmente muito mais.”</i></p> <p><i>“(…) se for já com o intuito de “É um jogo! Vamos ver quem ganha! Vamos fazer equipas! Agora esta imagem, vamos ver quem é que a descobre primeiro!” É outra dinâmica diferente e aplicando o quê? O lúdico! A brincadeira, a diversão.”</i></p>
--	---

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
<p>Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?</p>	<p><i>“Há crianças que aprendem com imagens, outras com a audição, outras com aquilo que nós dizemos, outras com coisas do quadro, outras com músicas do rádio e nós temos de ser o mais abrangentes possíveis, para também conseguir chegar ao maior número de crianças possível. Uma simples história pode ser muito mais divertida se calhar se fizer entoações diferentes, se contar com fantoches, se fizer uma dança ou cantar pelo meio. É tudo muito mais divertido se houver o lúdico. Variar o máximo possível todas as estratégias e nós temos de ter muito isto dentro da nossa cabeça.”</i></p>
<p>Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?</p>	<p><i>“Sim sem dúvida e foi esse também um dos motivos que me levou a ter criado a página, no Facebook.</i></p> <p><i>“(…) eu sentia que existiam tantas outras pessoas que também sentem esta necessidade e podem não ter tanta facilidade em inventar, eu tenho facilidade.”</i></p> <p><i>“Sinto que existem muitos educadores que não têm esta facilidade. Não têm a facilidade de pensar “ah, tenho o tema de transportes, olha agora que atividade lúdica e divertida é que eu posso fazer?” e recorrem também muito a mim e às páginas de Facebook, e à internet.”</i></p>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:

<p>Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>“Ah, sim! Isso totalmente! Considero que são o mais-valia, porque, como também já sabemos, há muitas crianças que aprendem de diferentes maneiras. Eu aprendo muito a nível auditivo, portanto eu uso muito as músicas, mesmo por isso. Quanto mais as crianças cantam as músicas, aos poucos começam a aperceber-se daquilo que estão a dizer e que estão a cantar e começam realmente a assumir e a aprender e sem se aperceberem, ou seja, eu inventei uma música para o sistema digestivo, que eu tinha de dar na sala dos 5 anos, e eu pensei “mas como é que vou dar isto a crianças de 5 anos?” (risos) pronto e eu inventei uma música simples, direta, fácil e o que é certo é que as crianças vão percebendo passado uma vez, duas vezes, três vezes de a cantarem que aprenderam. Começam a perceber que a comida entra pela boca, depois desce, depois vai ter ao estômago, e depois acontecem outras coisas, mas pronto é isso que nós precisamos, não precisamos que eles saibam os nomezinhos de todas as coisas e mais algumas, só o saberem o processo para mim já é uma vitória.”</i></p>
<p>Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?</p>	<p><i>“Sem dúvida que sim! Por exemplo pegando numa simples imagem, podemos recortá-la e fazer um puzzle. Espalhar os pedaços de imagens no recreio e eles têm de ir procura das peças. Dividir a turma em grupos, porque também é importante eles saberem competir, saber perder, saber ganhar, logo desde pequeninos, porque depois acontece chegarem à segunda classe, terceira classe perdem e já tem vontade de “morrer” porque perderam, não! Temos de educar, tudo tem de ser trabalhado, tudo tem de ser falado.”</i> <i>“Pegar por exemplo nas histórias e no fim “Então vamos lá a ver que mensagem é que esta história passou? Então e porquê?” Pegar na opinião das crianças, naquilo que eles acham, e transmitir-lhes valores do que pode estar correto ou não. É muito importante transformar tudo não é?”</i></p>
<p>Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?</p>	<p><i>“(…) enquanto jogam, por exemplo a nível social, o respeito pelo amigo, o saber respeitar a sua vez, o serem mais humanos, saber perder, saber ganhar.”</i> <i>“Eu trabalho muito o facto de serem bons para os amigos, quando um amigo cai não nos devemos rir, eu sei que é normal, acontece sempre, mas eu coloco um ar sério e digo “mas vocês estão a rir-se? já perguntaram se o amigo se magoou em vez de se estarem a rir. Então, temos de ser amigos, receitarmo-nos. Agora foi o amigo, mas da próxima</i></p>

	<p><i>vez podem ser vocês.” Trabalho muito essa parte humana nas crianças.”</i></p> <p><i>“O lado afetivo, também de extrema importância.”</i></p>
--	--

Educadora 2

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 36 anos, Licenciada em Educação e 13 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percebido pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<p><i>“(…) se pensarmos na palavra lúdico remete-nos logo para jogo, não é?”</i></p> <p><i>“O conceito para mim e por si só, ou a definição, é mais vasto na medida em que engloba tudo aquilo que seja uma fonte de motivação e um motor de arranque para uma aprendizagem de forma espontânea e prazerosa, essencialmente. Porque isso é a base da aprendizagem.</i></p> <p><i>“(…) o lúdico para mim é tudo aquilo que é feito de forma espontânea, movido por alguma motivação e que dê prazer.”</i></p> <p><i>“Inclusivamente nós, nós temos momentos lúdicos, se olharmos na nossa vida, não é, nós como adultos também precisamos de momentos lúdicos. Portanto se nós precisamos e temos às vezes consciência de os controlar e saber quando ou não, quanto mais uma criança não é, portanto se lhes cortamos já essa base o que será feito da criatividade deles se não lhes dermos essas oportunidades.”</i></p>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<p><i>“(…) de muita importância, porque na infância, através das brincadeiras que as crianças têm, elas demonstram os seus interesses, necessidades e vontades e portanto se nós formos adultos atentos, não é, é no meio das brincadeiras que vamos perceber quais os pontos fortes, quais os pontos menos fortes e em função disso ajudá-los com os problemas, eventualmente. Portanto é um instrumento de inserção na realidade em que eles se expressam também a forma como refletem, como se organizam, como constroem o mundo à sua volta e por isso acho que acaba por a parte lúdica, acaba por ser uma necessidade básica da personalidade das crianças no seu todo.”</i></p>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<p><i>“(…) acho que esta parte lúdica e o contexto lúdico deve ser privilegiado sempre que possível, porque brincar deve fazer parte de todos os momentos da rotina das crianças. Isto pode</i></p>

	<p><i>parecer um bocadinho “Ah então, não há rotina, não há regra?” Não, há! Porque até a brincar existem regras, não é? Quanto mais não seja regras de segurança, para que não se magoem. E acho que neste caso, os adultos é que acabam por encontrar entraves em tudo.”</i></p> <p><i>“Eu acho que até na refeição, se existirem momentos lúdicos, daquelas regas que nós chamamos “as regras de hábitos saudáveis” não é, até nesses momentos é possível.”</i></p> <p><i>“Por isso acho que brincar é possível sempre, na minha prática é sempre que possível, como digo, eu não vou dizer que não há momentos em que às vezes é preciso parar, chamar a atenção ou porque acontece alguma coisa, porque alguma criança se magoa e às vezes ai é preciso quebrar um bocadinho, mas nunca esquecendo que a brincar, às vezes, estas coisas também acontecem e às vezes acontecem e não é de forma propositada. Portanto não há logo que atribuir uma culpa e pronto, agora já mais ninguém brinca, não é? Isto não se faz. Não podemos ser radicais dessa forma e por isso eu acho que deve ser privilegiado sempre que possível.”</i></p>
--	---

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:

<p>Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?</p>	<p><i>“Eu acho que a maior estratégia, de todas, é a reflexão. O adulto tem de refletir muito bem sobre o que está a observar, para perceber de que forma é que pode ajudar. (...) para mim essa é a estratégia primordial. Nesta reflexão o que é que acontece? Nós temos de entender que somos todos diferentes, portanto, incluindo as crianças. É justo e é adequado usarmos as mesmas técnicas de aprendizagem para toda a gente? E o prazer de aprender e a motivação? É igual para todos, ou não? Se nós estivermos sempre isto na nossa cabeça, as estratégias acabam por fluir naturalmente.”</i></p> <p><i>“Não considero que exista uma estratégia ou várias estratégias específicas. Devemos respeitar a identidade, os desejos e a motivação das crianças e adequar a brincar aquilo que eles pretendem no momento.”</i></p> <p><i>“Portanto é urgente que os adultos utilizem uma estratégia, que para mim, além da reflexão, pelo menos na minha prática funciona muito bem, que é colocarmo-nos e, devemos fazer isto ao longo da nossa vida toda, não só na nossa profissão, nas várias áreas, mas neste caso específico colocarmo-nos no lugar da criança, como se fossemos um deles. Sem grande intervenção, a não ser que a nossa intervenção seja feita de forma positiva e participativa. Além disso, acho que é</i></p>
--	--

	<p><i>essencial, também, e que acaba por fazer parte da estratégia, fornecer um leque muito diversificado de atividades, pronto quem diz atividades, está a dizer toda a preparação delas, o espaço, o ambiente, em que eles possam explorar as coisas de forma muito livre, de acordo com as suas intenções e com os seus desejos.”</i></p>
<p>Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?</p>	<p><i>“(...) não sei se existe propriamente dificuldade. Eu acho que existe sim, tanta dificuldade como pouca receptividade (...)”</i></p> <p><i>“Acho que muitos adultos ainda se focam nas competências e nos objetivos, estou a falar a nível burocrático. E então acabam por se esquecer um bocadinho da necessidade de toda a preparação que também o lúdico acaba por exigir, não é?”</i></p> <p><i>“(...) a parte lúdica vai sendo retirada às crianças, ou porque brincam com menos frequência ou porque falta espaço, ou porque têm excesso de atividades e acho que acabam por exigir de mais às crianças que elas sejam pequenos adultos. Quando na verdade deviam dar muito mais importância à parte lúdica.”</i></p> <p><i>“(...) as pessoas consideram, um bocadinho, se calhar o brincar e o jogar como se fosse apenas diversão, não é? e não como uma aprendizagem, quando na verdade não é assim. E portanto acaba por se dar mais responsabilidade, de uma forma até muito adulta às crianças, porque consideramos, muitos adultos consideram que quando as crianças brincam não estão a aprender, não é? Às vezes até é muito comum ouvirmos muitos encarregados de educação dizerem “pronto agora tens tempo para brincar. Já trabalhaste muito, não é? Já tiveste muita escola? Agora tens tempo para brincar.”. Então mas a brincar não estão a aprender? está a aprender, não é?”</i></p> <p><i>“(...) é assim dificuldade, na minha ótica e na minha realidade, eu não acho que exista muita, a não ser muita exigência também da parte burocrática que faz com que às vezes, nós adultos tenhamos muitas coisas a cumprir e às vezes nos possamos esquecer um bocadinho desta necessidade de brincar e a parte lúdica, que inevitavelmente é muito importante nas crianças. Agora uma dificuldade propriamente dita, não acho que exista. Eu acho é que há muitas condicionantes que faz com que os adultos se esqueçam disso.”</i></p>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
<p>Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>“Eu acho que sim. Primeiro porque o jogo, seja ele qual for, é uma ferramenta facilitadora da aprendizagem e estamos a falar dos jogos livres, jogos pedagógicos, seja o que for. O jogo por si só facilita muito a aprendizagem, porque reforça também reforça também a construção dos conhecimentos, da autonomia, entre muitas outras vantagens, que só têm o efeito da promoção da saúde e de melhorar a qualidade de vida, não é?”</i></p> <p><i>“Os jogos estimulam naturalmente a ginástica da mente. Seja de que forma for e as crianças acabam por formular estratégias e devem, inclusivamente, ser incentivados, até num contexto mais educativo e não propriamente neste entendimento do jogo como uma coisa pouco pedagógica, porque tem muito de pedagogia, e portanto num contexto educativo, serem incentivados a jogar, mas também de uma forma muito livre.”</i></p> <p><i>“O jogo sim, seja de que forma for, é uma ferramenta muito muito boa para a aprendizagem, sim.”</i></p>
<p>Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?</p>	<p><i>“Lógico que sim, não é? Os processos e os momentos lúdicos são um privilégio para a formação da pessoa em si, da personalidade, porque estimulam a parte da crítica da criatividade e essencialmente a parte social, que é isso que eu acho que as pessoas não devem esquecer-se nunca, que a parte lúdica é uma aprendizagem individual, mas na minha perspetiva tem uma importância muito muito relevante a nível social, de aprendizagem social.”</i></p>
<p>Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?</p>	<p><i>“Os benefícios deste tipo de atividades lúdicas para o desenvolvimento social são, pelo menos para mim dos mais importante.”</i></p> <p><i>“(…) porque promovem em primeiro lugar a convivência, permitem que exista cooperação, entre as crianças, a interação, estimulam o raciocínio, a resolução de problemas, etc, e é aí uma panóplia de coisas que poderia dizer.”</i></p> <p><i>“Portanto eu acho que tudo isso, depois, no fim se vai refletir num bem-estar emocional que é gerado pela própria motivação e prazer que a criança teve nestes momentos.”</i></p>

Educadora 3

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 45 anos, Licenciatura em Educação e 24 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“Um adjetivo essencial que tem de andar de “mãos dadas” com o educador para que as crianças vivam em plenitude a escola.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“Desde o início da minha prática pedagógica, o lúdico, (...) sempre esteve bem presente. É, na minha opinião, um “ingrediente” fundamental para exercer a prática pedagógica.”</i> <i>“A presença de algo lúdico, em qualquer atividade realizada, permite mais facilmente captar a atenção das crianças, envolvê-las e conseqüentemente atingir os objetivos que me propus para determinada atividade.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“Em todos os contextos e diariamente.”</i> <i>“Por mais “séria” que seja a atividade proposta, a parte lúdica tem sempre de estar presente.”</i>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“A atitude do adulto tem de ser o modelo. Ao envolvermo-nos de forma lúdica, mais facilmente a criança cede à atividade e se envolve nela. Atividades apelativas, tendo em conta a idade da criança. Deixar a criança experimentar e explorar.”</i> <i>“Aproveitar as ideias das crianças, tudo o que nos trazem das suas vivências ou as suas curiosidades.”</i> <i>“São das partilhas das crianças que surgem as atividades mais lúdicas e onde as crianças se envolvem com maior entusiasmo.”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<i>“(…) Por parte de outros educadores, e da minha experiência profissional, sinto que nem sempre essa entrega é total e daí sim, possam surgir as tais “dificuldades” em aplicar, criar e preparar atividades em que o lúdico esteja presente.”</i> <i>“Pensar em atividades para crianças (da creche até ao pré escolar) sem o lúdico...isso sim é (para mim) uma grande dificuldade.”</i>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:

<p>Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>“Claro que sim, sem dúvida. Os jogos são atividades de excelência que permitem à criança desenvolver as suas competências nas diversas áreas do desenvolvimento.”</i></p> <p><i>“Através do jogo (brincadeira), a criança explora, permite-lhe uma liberdade de criar, para além do que está convencionalizado e atribuído a determinado jogo, desenvolvem a linguagem, raciocínio, promove a socialização, entre outras competências igualmente importantes.”</i></p> <p><i>“No meu caso, são as próprias crianças que me chamam para jogar com elas, desde um puzzle a um jogo imaginário.”</i></p> <p><i>“Para mim jogos livres não se distinguem de jogos educativos. Porque, bem jogados...são todos educativos.”</i></p>
<p>Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?</p>	<p><i>“Sim. Qualquer que seja o desafio do educador feito à criança/grupo tem de existir um processo lúdico a acompanhar. Só assim as crianças se envolvem de forma ativa e participativa. Por exemplo, uma criança que não goste de fazer desenhos. Cabe ao educador encontrar outras formas de a conquistar pelo seu foco de interesses, aliado ao lúdico.”</i></p>
<p>Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?</p>	<p><i>“Partilha; entreaajuda, respeito pelo outro, capacidade de ouvir o outro, saber aguardar pela sua vez.”</i></p>

Educadora 4

<p>1. Dados identificativos:</p>	
<p>Perfil do entrevistado</p>	<p><i>Feminino, 30 anos, Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar; 5 anos de serviço</i></p>
<p>2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:</p>	
<p>Como define a palavra lúdico?</p>	<p><i>“Eu quando penso em lúdico penso em jogos, brincadeiras, momentos interessantes e estimulantes para a criança.”</i></p> <p><i>“Basicamente tudo o que diverte e dá prazer e, no final, ainda permite a aquisição de novos saberes e competências, portanto, tem tudo para correr bem.”</i></p>
<p>No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?</p>	<p><i>“Muita importância, mesmo! Desde sempre que um dos meus lemas, enquanto Educadora, é sem dúvida “aprender a brincar”. Por isso, ao longo da minha prática pedagógica, esse é um aspetos que tento sempre ter em consideração quando apresento propostas de atividades ao grupo.”</i></p>
<p>Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?</p>	<p><i>“Eu acho que são sempre. Porque tudo o que fazemos tem em conta os interesses das crianças e portanto, brincar, explorar, sentir ... são mesmo as “palavras de ordem” no nosso</i></p>

	<i>quotidiano, portanto atividades lúdicas, sempre! Todos os dias.”</i>
--	---

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:

Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“Então, em grupos de pré-escolar, onde a maturidade das crianças é maior, elas podem e devem ser parte integrante do processo, ou seja, podem ser elas a sugerir o que fazer, como fazer, que materiais usar, pronto. Já na creche, uma vez que a expressão verbal ainda é um bocadinho “limitada”, por exemplo num berçário, numa sala de um ano, cabe ao educador observar os seus interesses das crianças, não é, e partir daí para o planeamento.”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<i>“Sinto que sim ... infelizmente ainda há muitos profissionais de educação que recorrem a fichas, por exemplo, por ser um material pronto e fácil de usar, embora na minha opinião, pouco ou nada significativo para a criança. Mas no meu entender as atividades lúdicas precisam de tempo: para as pensar, criar, implementar... e infelizmente ainda há muitos profissionais que não estão dispostos e predispostos a tal... Ainda assim, tenho esperança, que lentamente se vão mudando mentalidades ... e o caminho para a mudança vá sendo “desbravado”.”</i>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:

Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<i>“Sim, sem dúvida! Os jogos são, na minha opinião, um dos melhores meios para a criança adquirir aprendizagens, pois ao estarem a brincar, ao estarem a fazer algo do seu interesse, as aprendizagens tornam-se muito mais significativas. E para além disso, permitem a exploração de diversas competências em simultâneo, competências sociais, cognitivas, motoras, enfim, muitas mesmo.”</i>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<i>“Sem dúvida que sim! Até porque como disse anteriormente, este tipo de atividades, para além de serem prazerosas para as crianças, de serem uma coisa que elas gostam, acabam por potenciar o desenvolvimento de inúmeras competências, a vários níveis, portanto tem aqui um duplo fator positivo, que é a criança está a aprender e ainda se está a divertir.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<i>“São inúmeras! Aprendem a respeitar o outro, a cooperar, a esperar pela sua vez, acaba por promover-se a empatia entre pares. É bastante positivo poder observar-se as interações que se estabelecem entre crianças, nestes momentos.”</i>

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Masculino, 38 anos, Licenciatura em Educação de Infância; Especialização em Educação Especial; Formador acreditado pelo conselho científico-pedagógico da Formação contínua e 13 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“Ao refletirmos na palavra, associamos ao divertimento, ao jogar e ao brincar.” “Torna-se uma ferramenta fundamental de uso nas salas de um modo constante, levando a que as crianças se sintam mais interessadas e envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.” “Considero ser um potencializador e consolidador de aprendizagens e de desenvolvimento.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“O lúdico sempre foi parte integrante da minha prática.” “Olhar para o lúdico é refletir na forma como podemos chegar às crianças de um modo simples, motivado e interessado.” “Considero-o uma ferramenta fundamental no dia-a-dia, de modo a que consigamos criar pontes entre a ação e a observação que fazemos, tornando-o reflexo das nossas intenções pedagógicas na forma de lhes chegar.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“A partir do momento em que entramos na sala, até ao momento em que saímos, ou seja, sempre.” “(...) temos de reconhecer que o brincar, que o lúdico faz parte da nossa prática, é uma ferramenta que não pode ser posta de lado.” “Querer explicar um determinado tema, problema, situação, é ter a ousadia de a mostrar de um modo simples, com criatividade, imaginação, com o envolvimento assente no brincar, na expressão lúdica.”</i>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“Não é possível referir estratégias específicas.” “Os educadores de infância são construtores e gestores de um currículo, que deve ser único e direcionado a cada grupo. Apesar de vermos autênticas atrocidades nas redes sociais, em que são partilhados sem se refletir no que estamos a fazer, não devemos cair na tentação de criar estratégias que são transversais a todos os grupos.”</i>

	<p><i>“Dizer que tipo de estratégias podem ser utilizadas é dar uma lista de receitas prontas a usar e que, se resultam com as crianças que tenho hoje, não têm de resultar com as crianças que terei no próximo ano.”</i></p> <p><i>“(…) reforço a importância de conhecermos o grupo, de lhes reconhecer os interesses, as fragilidades, as potencialidades, pois ao reconhecer essas características conseguiremos, enquanto educadores, de criar estratégias que se tornam fundamentais para o desenvolvimento do grupo e para a ação prática centrada neles.”</i></p> <p><i>“Desde que tenhamos a sensibilidade e a disponibilidade para o grupo, que tenhamos a capacidade de os escutar, conseguiremos criar estratégias que vão ao encontro do que necessitam. Acima de tudo, o respeito pelas crianças é fundamental, reconhecer que elas têm a capacidade de falar, de escolher. A maior estratégia que poderei dar é estar disposto a ouvi-las e torná-las integrantes no processo da educação, permitir que haja uma prática participativa.”</i></p>
<p>Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?</p>	<p><i>“Creio que a maior dificuldade é reconhecermos o lúdico como uma ferramenta, afastada das práticas enraizadas e centradas nas fichas e na necessidade de registar tudo o que é feito e dito pelas crianças, levando a que haja um registo excessivo e afastado dos seus interesses.”</i></p> <p><i>“A dificuldade maior centra-se em perceber como o podemos planear. Esta premissa parte do conhecimento do grupo, parte de nos centrarmos nos interesses das crianças e reconhecer nelas a capacidade de escolha, de serem agentes participativos e ativos. Este reconhecimento eleva o nosso conceito de educação de infância, a valorização do brincar e a expressão através do lúdico.</i></p> <p><i>“(…) considero que existem duas dificuldades, reconhecer o lúdico como ferramenta essencial para chegar onde as crianças necessitam de chegar, apoiadas por nós e a sua planificação. Sabendo que a planificação é fundamentada nas necessidades e interesses das crianças, baseada na observação, falha o modo como chegamos e como fazemos acontecer, ou seja, surge sem intenção ou de um modo pouco pensado, expomos, não os levamos até lá.”</i></p>

<p>4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:</p>	
<p>Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de</p>	<p><i>“(…) é uma ferramenta que devemos valorizar, quer o brincar, quer o lúdico, considero termos diferentes. Apesar de</i></p>

<p>ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?</p>	<p><i>ambos se centrarem no conceito de diversão, o lúdico é mais associado ao jogo. A nossa ação através da sua utilização transporta-nos para uma maior sensibilidade de reconhecer as crianças como seres individuais, com especificidades, em que, a nossa intencionalidade educativa é centrada no permitir que vão mais além.</i></p> <p><i>“Através do jogo, lúdico, conseguimos analisar cada criança e fazer com que atinjam mais rapidamente níveis que estão prestes a ser alcançados. A nossa atitude na sua inclusão da prática é permitir que, independentemente de temáticas, de projetos realizados, os conceitos que se vão descobrindo e a forma como os tornamos consolidados sejam baseados em experiências positivas, em que o brincar assume um papel que reforça e que complementa. Em que o lúdico se torna uma perspetiva adequada às necessidades, das crianças.”</i></p>
<p>Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?</p>	<p><i>“Reconhecer o brincar, o lúdico na prática é reconhecer que com essa ferramenta promovemos o desenvolvimento e a aprendizagem.”</i></p> <p><i>“Todos os momentos que acontecem na Educação de infância carecem de uma reflexão que nos levam a questionar o porque faço o que faço. Ao olharmos para as situações que ocorrem em sala, podemos, se tivermos essa disponibilidade, para analisar de um modo pedagógico, e criar um espaço em que alguma situação possa ter surgido e possa ser acrescentado algum valor ou conhecimento a esse momento.”</i></p> <p><i>“(…) A intencionalidade que imprimimos diariamente deve promover de um modo constante o olhar de um modo simples. E, mesmo que não estivesse planeado e não fosse intencional, poderemos enriquecer partindo da situação observada.”</i></p>
<p>Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?</p>	<p><i>“A atividade lúdica, é associada diretamente ao jogo.”</i></p> <p><i>“(…) a capacidade de olhar e viver enquanto equipa, competências de liderança, respeito pelo outro, capacidade de expressão oral e corporal, respeito por regras, capacidade de criação de um objetivo comum, e fundamental, a competência social, no sentido da relação e construção de parcerias entre pares.”</i></p>

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 27 anos, Licenciada em Educação Básica; Mestrado em Pré e 1º Ciclo; Pós Graduação em Educação Especial Domínio Cognitivo e Motor, 5 anos de tempo de serviço.</i>
2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“Diversão, prazer, alegria, entusiasmo, felicidade, são para mim os maiores adjetivos.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“Atribuo muita importância. Eu costumo dizer que é a brincar que se aprende.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“Todos os dias. Como já referi, defendo muito que é a brincar que se aprende e todos os dias tento fazer algo lúdico com o grupo, até mesmo em diferentes partes do dia. Por exemplo, eles gostam muito de jogar ao jogo que chamam “Jogo do Almoço”, basicamente eles ajudam o adulto a pôr a mesa para o almoço. Eu peço a uma criança dez garfos e ela abre a gaveta dos garfos e tira dez e faço o mesmo com os restantes talheres e também com os guardanapos, com os copos. Com esta atividade que eles chamam de jogo, estão sem se aperceberem a trabalhar a matemática, porque estão a fazer contagens, o português e tantas outras áreas.”</i>
3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“Bem, eu acho que primeiramente o educador tem de ser criativo. Tem de escutar as crianças do grupo, o que para mim é dos aspetos mais importantes, ouvir o que as crianças nos têm para transmitir e perceber que tipo de atividades lúdicas é que as crianças estão interessadas em fazer. Acho que é importante, também, que o educador trabalhe muito a autoconfiança de cada criança, porque para algumas crianças é muito difícil participar em jogos de grupo, porque não se sentem à vontade para falar perante o grupo, ou não se sentem à vontade por terem todos os olhos postos nelas naquele momento e por isso digo que é de extrema importância o educador trabalhar estes aspetos.”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<i>“Eu acho que esse é precisamente o maior desafio dos educadores, é tentarem transformar aquilo que pode ser maçador e aborrecido em algo prazeroso e divertido. Claro que isso implica muito trabalho de casa, muito conhecimento acerca do nosso grupo, muita pesquisa, muita entrega e muita</i>

	<i>criatividade. Mas também considero que se estamos nesta área é pelas crianças e dar-lhes o melhor que sabemos e conseguimos.”</i>
--	--

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<i>“Claro que sim, sem dúvida alguma.” “Por norma todas as crianças adoram jogos e ao jogarem as crianças estão tão entretidas e tão envolvidas que sem se aperceberem estão a aprender e isso é ótimo. Na minha opinião elas acabam por aprender mais rápido e de forma mais prazerosa, o que é excelente. Tornam-se crianças motivadas e com vontade de saber e de descobrir sempre mais.”</i>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<i>“Sem dúvida alguma. Eles envolvem-se muito mais em atividades lúdicas porque estas têm a capacidade de lhes proporcionar curiosidade, prazer e na minha opinião o lúdico é uma porta aberta que permite ao educador trabalhar todas as áreas, para além de estimular a memória, a linguagem a criatividade e tantas outras coisas que são importantes.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<i>“Saber ouvir, saber colocar-se no lugar do outro, ter empatia, saber esperar pela sua vez, saber trabalhar em grupo, saber ganhar e saber perder, tudo coisas que são essenciais para saber viver em sociedade.”</i>

Educadora 7

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 33 anos, Licenciatura em Educação de infância, último ano antes de Bolonha, Mestrado em Ciências da Educação na vertente de Educação Especial, 11 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“(…) o lúdico remete-me para jogo, para brincar, para brinquedo também, não é, mas principalmente para o jogo e para o brincar.” “Brincar é uma atividade mais livre, mais espontânea, sem regras, digamos assim e que o jogo remete um bocadinho mais para atividades com regras, que podem ser, ou não, criadas pelo próprio jogador.”</i>

<p>No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?</p>	<p><i>“Tento que o lúdico seja a base da minha prática. Acredito que é através do brincar, do jogo, que a criança tem a possibilidade de se desenvolver de uma forma integral.”</i></p>
<p>Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?</p>	<p><i>“As atividades lúdicas fazem parte de todo o nosso dia. Fazem parte do dia do grupo no contexto em que trabalho.”</i></p> <p><i>“No contexto em que trabalho temos um espaço exterior muito bom, o que a meu ver, torna as possibilidades de exploração muito mais infinitas. A criança tem mais liberdade, tem mais variedade de materiais e opções, para explorar no seu brincar. Por exemplo esta semana fizemos uma caça ao tesouro no recreio, descobrindo elementos naturais e registando o que íamos observando e que íamos descobrindo. Mas no interior, em contexto de sala, também tem as infinitas possibilidades para o brincar livre, o brincar espontâneo, esta parte mais da iniciativa da criança.</i></p> <p><i>Na área da matemática, não precisamos de estar a uma mesa e pôr uma folha à frente da criança. Podemos trabalhar a matemática no exterior, as formas geométricas que vemos á nossa volta, desenhá-las na terra e assim conseguimos observar as crianças que conseguem identificar e desenhar as formas geométricas e aquelas que ainda tem um pouco mais de dificuldade. Até houve uma situação engraçada em que um menino chamou “Bola” e a criança respondeu de imediato “não é um círculo”. Cá está, a observação por parte do educador é muito importante. Se me disserem que o nosso trabalho fica mais fácil se colocarmos uma folha à frente da criança para ver se ele adquiriu determinadas competências, concordo e discordo, porque como não vejo esta área como o tendo de ir pelo mais fácil mas sim pelos interesses e necessidades do grupo que temos à frente.</i></p> <p><i>“(…) a atividade lúdica da criança é maior parte do nosso dia tanto no interior como no exterior, mas tentamos sempre aproveitar ao máximo o espaço exterior fantástico que temos na nossa instituição.”</i></p>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:

<p>Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?</p>	<p><i>“Para mim as atividades lúdicas são naturais nas crianças, ou seja, fazem parte do seu dia, do seu mundo, não é. Na minha prática utilizo muito uma estratégia que defino como a participação ativa da criança.”</i></p> <p><i>“Deixo sempre ao critério das crianças o que querem fazer perante uma atividade que apresento, por exemplo vamos trabalhar os conjuntos questiono-os se querem trabalhar</i></p>
--	---

	<i>dentro ou fora da sala, se querem levar os nossos materiais ou se querem utilizar os do recreio.”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<p><i>“Penso que sim é um bocadinho, por um lado a pressão das famílias com o “trabalhinho” e por outro, o profissional sentir que tem de mostrar trabalho.”</i></p> <p><i>“Vejo muitas vezes famílias que se importam muito com os trabalhinhos, como chamam. Gostam sempre de vir perguntar: “Então como é que ele é nos “trabalhinhos”? Ele gosta de fazer os “trabalhinhos”?”, seja lá o que isso for não é. Ou seja, o brincar é visto como o entretém da criança.”</i></p> <p><i>“Portanto fazer os “trabalhinhos”, tem de trabalhar, e depois na parte livre, brinca. Se nós, educadores, nos guiarmos somente pelo brincar da criança não existe uma coisa palpável.”</i></p> <p><i>“Penso que ainda há muitos contextos onde a aprendizagem está um bocadinho conotada como fazer fichas ou atividades de mesa, com lápis e folha (...)”</i></p>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<p><i>“Sim, claro que sim, os jogos livres e os jogos educativos são muito importantes no ensino aprendizagem da criança. Acredito que do jogo livre, mas também de jogos mais estruturados, com regras não é, a criança pode desenvolver-se e adquirir todas as competências nesta atividade lúdica. Um coisa fácil de ver, direta, é nos jogos tradicionais como o jogo da apanhada, das escondidas, do saltar à corda, conseguimos ver logo o desenvolvimento das competências motoras. Se formos para o brincar, o brincar ao faz de conta, onde as competências sociais, também as competências emocionais, a gestão das emoções. Quando monta um lego a criança está a desenvolver a motricidade fina, a coordenação oculo-manual, entre tantas outras.”</i></p>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<p><i>“Sem dúvida, pois como já referi acredito que a atividade lúdica é essencial para o desenvolvimento integral da criança. Com a atividade lúdica a criança desenvolve a sua imaginação, as relações sociais, quando constroem alguma brincadeira em grupo, aprendem a viver em sociedade. Quem é que faz o quê e quando, esperar pela sua vez, respeitar opiniões diferentes da sua.”</i></p> <p><i>“Aconteceu há uns dias, um grupo de crianças que pegou nuns banquinhos e sentaram-se, simulando que estavam a escrever ao computador. Diziam ser os médicos e estavam a</i></p>

	<i>ver se as pessoas estavam doentes e iam chamando outros amigos, para se envolverem na brincadeira, registavam nos seus computadores, davam vacinas, faziam curativos e era toda uma gestão muito organizada para definir qual era o papel de cada um. O menino X registava no computador, a menina C dava as vacinas aos amigos e por aí foram. As crianças iam ter com eles e iam embora, mas depois voltavam porque tinham outros problemas e acho que este é o melhor exemplo de como viver em sociedade, não é. Das crianças apropriarem-se através da brincadeira, do brincar livre, das regras sociais, da gestão do dia, das rotinas entre tantas outras. E claro que gerir as suas emoções e do outro.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<i>“Bem, acho que todas as competências sociais, não é, mas por exemplo, o resolver problemas (...) trabalhar em grupo, gerir a dinâmica de grupo. A questão da empatia, perceber o outro, o que o outro está a sentir. As mais práticas como esperar pela sua vez, entender que se falarmos todos ao mesmo tempo não nos conseguimos perceber.”</i>

Educadora 8

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 24 anos, Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar; 1 ano e 10 meses de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“Descoberta.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“Para mim o lúdico é das atividades mais importantes a promover na infância e por este mesmo motivo faço questão de o incluir diariamente na sala.” “Todas as crianças aprendem espontaneamente a partir das experiências que lhes proporcionamos ou que surgem porque lhes damos liberdade para explorar, criar, fazer e refazer.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“(…) são aplicadas diariamente e sempre com ideias e recursos novos (sem pensar muito, sem planear e sem gastar dinheiro em materiais novos).”</i>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“Diversificar os jogos que são feitos; explorar as mais diversas brincadeiras (por mais malucas que possam parecer) e deixar que as crianças criem as suas (sem estarmos a apresentar algo predefinido); estar aberto a modificar aquilo que estava pensado</i>

	<i>correr de uma certa forma (por vezes o que idealizamos não corre como era esperado mas podemos fazê-lo de outras formas).”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<p><i>“Muitos educadores apresentam algumas dificuldades no pensar e criar este tipo de atividades o que é desnecessário pois muitas delas acabam por surgir quando menos esperamos, naturalmente e por parte das crianças.”</i></p> <p><i>“As pessoas acomodam-se e muitas das vezes optam por fazer aquilo que é mais fácil e dá menos trabalho, o que não é ,de todo, o melhor para as crianças.”</i></p> <p><i>“Temos imaginação e somos capazes de criar o que não existe, não é necessário fazer aquilo que já é feito há anos e com regras específicas.”</i></p>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<p><i>“Sim, estamos a promover o gosto pelas várias áreas de desenvolvimento/ conteúdo.”</i></p> <p><i>“Acima de tudo penso que estamos a dar acesso a estas crianças para a construção e exploração de novos conhecimentos e cabe ao educador motivar e arranjar estratégias para que esta busca se mantenha permanente, natural e crescente.”</i></p>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<i>“Sem dúvida alguma, estamos a dar espaço para a criança pensar, tomar decisões, ser autónoma, exploradora, curiosa, divertida, colaboradora, expressiva, interessada e criativa.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<p><i>“São várias e cada brincadeira ou jogo promove competências diferentes. Como por exemplo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>Capacidade de se adaptar ao que a rodeia;</i> - <i>Adequar o seu comportamento aos diversos contextos em que as brincadeiras e jogos se realizam/surgem;</i> - <i>Criar laços de amizade/ afetividade com quem está a participar</i> - <i>Partilha do mesmo espaço e materiais</i> - <i>Respeito pelo outro, pelo grupo, pelo espaço e pelos materiais</i> - <i>Inclusão</i> - <i>Aquisição de noções básicas de partilha e resolução de problemas</i> - <i>Valorização de experiências diversificadas</i> - <i>Liberdade de escolha</i> - <i>Promoção da autonomia e independência das crianças.</i>

	- <i>Levar as crianças a fazerem escolhas e a tomarem decisões.</i>
--	---

Educadora 9

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Feminino, 33 anos, Licenciatura em Educação Pré-Escolar e Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, 7 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“O lúdico para mim é algo que nos diverte! Que serve para tirar algum prazer. E nestas idades e no nosso trabalho podem ser inúmeras coisas, podem ser jogos, brincadeiras, atividades teatrais, histórias, uma canção, ou seja, é tudo o que para eles os vai divertir de alguma forma.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“Bastante importância! Acho que é na faixa etária em que trabalho é das coisas mais importantes, ou seja, as crianças podem aprender e desenvolver muitas capacidades através da parte lúdica, através dos jogos, das histórias, de tudo o que nós fazemos mais direcionado para a brincadeira.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“Sempre que posso, todas as atividades que eu vou fazendo ao longo do ano e no meu dia-a-dia têm como base a parte lúdica e a diversão. Até porque não nos podemos esquecer que estamos a falar de crianças e o trabalho das crianças é brincar. Claro que depois tem toda a parte de desenvolvimento e objetivos que se podem tirar das atividades que nós fazemos. Nos tempos de recreio deixo os brincar livremente ou então, quando estão mais saturados, crio algumas dinâmicas com brincadeiras, jogos de equipa e eu gosto muito de me envolver com eles nas brincadeiras, porque não nos podemos esquecer que eles repetem tudo o que vêm, tanto exemplos bons como os maus.”</i>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“A primeira estratégia, para mim, é ir dando a conhecer variadas formas de atividades lúdicas, pra eles terem conhecimento que existem. Deixa-os explorar, inicialmente, livremente e à sua maneira. E depois partir para as regras, como funciona e mais importante participar com eles e acima de tudo garantir que se estão a divertir! Eu não gosto de obrigar nenhuma criança a participar em coisas que não quer, porque eu acredito que estas crianças que não gostam, precisam de observar primeiro, devemos respeitar o seu</i>

	<i>tempo e sei que com a curiosidade acabam por espreitar e por experimentar também. Por isso o fundamental é que eles se divirtam, acima de tudo, a realizar a atividade que lhes foi proposta.”</i>
Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<i>“Sim! Neste momento, acho que não tem a importância devida! Tanto em sala, como no tempo de recreio. Acho que nem todos os educadores dão a importância que o lúdico e que a brincadeira tem para o desenvolvimento. Acham que é só mais uma coisa banal.”</i>

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<i>“Claro que sim! As crianças aprendem muito mais depressa e com gosto competências através de jogos, histórias, dos desafios, do que se for de maneira mais teórica, de uma maneira mais chata para eles. Por exemplo um livro de histórias pode ser motivador de tantas atividades lúdicas, onde vai depois levar ao desenvolvimento de competências ao nível do desenvolvimento físico, social, motor, cognitivo. Referi histórias, mas também pode ser um jogo, um brinquedo, uma música, entre tantas outras, basta um bocadinho de criatividade por parte do educador. Um dos aspetos que considero mais importantes na nossa área.”</i>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<i>“Sim claro! Tal como já disse, através do brincar e dos jogos, das histórias eles estão em constante desenvolvimento de várias competências importantes, nestas idades! Tal como aprendem a jogar, a brincar, a partilhar com outros e a respeitar regras que vão ficando memorizadas por eles, o convívio, a parte social, motora, entre tantas outras.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<i>“Ao fazerem jogos estão a adquirir sentido de partilha, ajuda, a comunicação, às vezes um bocadinho própria entre eles, que apesar de nós não compreendermos eles se entendem, a resolução de problemas, portanto dar-lhes aqui um bocadinho de liberdade para resolverem problemas entre eles no meio de um jogo, por exemplo. A vontade de ganhar, de ajudar o outro, cooperação, entre tantas outras.”</i>

1. Dados identificativos:	
Perfil do entrevistado	<i>Masculino, 27 anos, Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar, 3 anos de tempo de serviço.</i>

2. Conceção sobre a forma como o lúdico é percecionado pelo/a educador/a de infância como potenciador do desenvolvimento da criança:	
Como define a palavra lúdico?	<i>“É toda aquela atividade, aquele jogo ou aquela brincadeira que nós utilizamos de uma forma a poder gerar aprendizagem nas próprias crianças de uma forma prazerosa, de uma forma divertida, de uma forma que lhe chame a atenção, onde ela se envolva e participe de forma ativa.”</i>
No decorrer da sua prática profissional, que importância atribui ao lúdico?	<i>“Considero que este lúdico é muito importante em toda a minha prática, não só para “cativar” as crianças, que cada vez mais vão precisando destes estímulos, não é, cada vez estão mais ligados às tecnologias, aos telemóveis, aos tablets, às televisões, e que precisam de coisas dinâmicas e mexidas e cheias de cor e vida, como também é muito importante para alcançarmos conhecimento de uma forma prazerosa e aprendizagem, também para as próprias crianças. Por isso é que no pré-escolar recorro muito a estes jogos e a estas brincadeiras, estas dinâmicas assim mais lúdicas para também captar a atenção deles e também promover várias aprendizagens neles.”</i>
Em que contexto e com que regularidade são aplicadas atividades lúdicas com o grupo?	<i>“Tento que seja diariamente. Mesmo que exista uma parte mais teórica, tento sempre que exista uma parte lúdica associada. Exploro sempre curiosidades que eles tenham como a tartaruga que temos na sala, eles ficaram muito surpreendidos por ela estar viva fora de água e fomos descobrir mais sobre as tartarugas, as diferentes espécies, onde vivem, o que comem, o revestimento, por aí.”</i>

3. Perspetivas sobre as práticas dos educadores de infância relativamente à aplicação do lúdico:	
Que estratégias podem ser utilizadas de forma a estimular a participação das crianças no desenvolvimento de atividades lúdicas?	<i>“A criança ter uma voz ativa e participativa naquilo também que são as tomadas de decisão em sala, ajudam muito nestas estratégias. Porque por vezes nós não estamos muito criativas, mas se eu perguntar ao meu grupo crianças o que é que eles gostavam de fazer ou o que é que gostavam de aprender, eu sei que eles têm uma panóplia de ideias e de estratégias que podemos utilizar e que se calhar nós no momento não pensamos e se calhar faz imenso sentido naquele dia.”</i>

Sente que existe dificuldade, por parte dos educadores, na aplicação, criação e preparação do lúdico para o desenvolvimento das atividades?	<i>“Sim, se tu apanhares um educador que já esteja há mais tempo, não é sinónimo que ele também não consiga fazer atividades lúdicas, mas eu acho que isso depende então da metodologia com que a pessoa trabalha, não é. (...) Acho que o aspeto da criatividade seja o que causa maior dificuldade.”</i>
---	--

4. Compreender a influência da atividade lúdica na aquisição de aprendizagens na educação pré-escolar:	
Considera que o recurso a jogos livres e jogos educativos auxiliam no processo de ensino-aprendizagem das crianças? Se sim, de que forma?	<i>“Sem dúvida alguma, ajuda muito no processo de ensino-aprendizagem das crianças, porque também promove as várias competências sociais e de grupo não é, como também da outra parte do conhecimento do mundo, da matemática, e nós de uma forma dinâmica, e responsável também, podemos ir introduzindo aos poucos e poucos estes conceitos de uma forma lúdica através do jogo da memória.”</i>
Considera que, ao utilizar processos lúdicos, está a potencializar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança? Em que sentido?	<i>“Isto é aquela questão, se já estamos a utilizar os processos lúdicos, já vai haver uma maior envolvência por parte da criança no decorrer desse processo de aprendizagem e se as crianças vão estar envolvidas, não é, numa atividade livre ou numa atividade estruturada, vai ser uma atividade muito mais prazerosa, vai ser estimulante, vai ser interessante para ela. E é aqui, através da experimentação que as crianças aprendem muito, através da ação.”</i>
Enquanto jogam e/ ou durante a atividade lúdica, quais são as competências sociais adquiridas pelas crianças?	<i>“A tomada de decisões, a criança saber lidar com algumas frustrações, saber ouvir os outros, saber esperar, respeitar as opiniões dos amigos, saber gerir as próprias emoções, entre tantas outras.”</i>